



The Bard News®



Seu Jornal Multiartístico, Multiliterário e Multicultural

Fundador - J.B Wolf

Arte | Literatura | Cultura | Filosofia | História | Educação | Curiosidades | Comportamento | Ciência & Tecnologia | Opinião |

VOL. I / Jornal No. 1, MAIO 11, 2025 R\$ 0,00



Romance Secular na Era Digital

A PERSISTÊNCIA DO AMOR NAS LETRAS

Por Stella Gaspar
COLUNISTA

No cenário dinâmico da cultura digital, as interações com a literatura são transformadas diante das novas possibilidades que o ciberespaço inaugura. As novas tecnologias têm influenciado demasiadamente como o homem vive e se relaciona em vários campos da vida. Na era digital, a produção e difusão de romances de amor se transformaram com o surgimento de novas tecnologias, como as redes sociais e as plataformas de publicação.

Leia Mais Pag A6

A trajetória de Rubião em “Quincas Borba”

Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Personagem, saído de uma posição modesta e alçado subitamente à opulência graças à herança de Quincas Borba, revela como o poder do dinheiro pode cegar e submeter suas vítimas a um círculo de bajuladores.

Leia Mais Page A3

HISTÓRIA



O legado histórico das desigualdades de gênero

Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Leia Mais Pag A12

Crítica Literária

Entre a Análise e a Subjetividade



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

A crítica literária desempenha um papel fundamental na compreensão e na valorização das obras literárias. Ao longo da história, a análise crítica passou por diversas transformações, desde uma abordagem normativa e prescritiva, até a diversidade interpretativa que marca o cenário contemporâneo. Mas, afinal, qual é o real impacto da crítica literária? É ela um instrumento de compreensão ou um reflexo de subjetividades?

Leia Mais Pag A8

Vozes silenciadas emergem

Em um movimento global sem precedentes, historiadores, acadêmicos e comunidades marginalizadas estão unindo forças para descolonizar a história, questionando séculos de narrativas eurocêntricas e trazendo à luz perspectivas há muito ignoradas. Este esforço coletivo não apenas está revelando histórias esquecidas, mas também está reformulando fundamentalmente nossa compreensão do passado e seu impacto no presente.

Explorar a história sob múltiplas lentes torna-se crucial no esforço por narrativas mais inclusivas. Este tema busca descolonizar o registro histórico, destacando vozes e perspectivas frequentemente marginalizadas na historiografia tradicional. Trata-se de recontextualizar interpretações tradicionais com novos achados e opiniões de povos indígenas e comunidades subrepresentadas, oferecendo uma visão equitativa e compreensiva. A pesquisa sugere rumos para a cooperação internacional e sustentação de políticas historicamente informadas no futuro. Essa reavaliação conserva integridade ao passado e proporciona um espaço mais

justo na formação das narrativas que moldam a noção de cultura e identidade a nível global.

A Revolução Epistemológica na Historiografia

A descolonização da história representa uma revolução epistemológica fundamental na forma como abordamos e entendemos o passado. Este processo desafia as estruturas de conhecimento estabelecidas e questiona as premissas básicas sobre as quais a historiografia tradicional foi construída. Não se trata apenas de adicionar novas vozes à narrativa existente, mas de repensar completamente como construímos e interpretamos o conhecimento histórico.

Esta revolução está ocorrendo em múltiplas frentes. Nas universidades, currículos estão sendo revisados para incluir perspectivas não-ocidentais e metodologias alternativas de

pesquisa histórica. O interesse por histórias orais, arqueologia comunitária e estudos interdisciplinares que integram conhecimentos indígenas está crescendo significativamente. Estas abordagens não apenas enriquecem nossa compreensão do passado, mas também desafiam a noção de uma única narrativa histórica "verdadeira".



+ Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição.

Leia Mais Pag A2

Gêneros literários

A EVOLUÇÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

No vasto universo da literatura, os gêneros são como constelações distintas, cada um brilhando com sua própria luz e contando histórias únicas. Mais do que simples categorias, os gêneros literários são poderosas lentes através das quais vemos o mundo, moldando nossa imaginação e, por extensão, nossa cultura.

Leia Mais Pag A3



Expressões Líricas Contemporâneas

A Interseção entre Poesia e Música

Por Edna Lessa
COLUNISTA

Na abordagem poética apresentada na música “O melhor de mim vai acontecer” de Oswaldo Montenegro propõe uma reflexão sobre a relação do homem com o mundo, explorando sua expressão lírica por meio de sentimentos profundos e de uma perspectiva contemporânea.

Leia Mais Pag A9

FILOSOFIA A9

Bioética: O Futuro da Medicina e a Dignidade Humana

O que é a doença? A invasão de microrganismos, que podem ver a causar as piores dores e agonias, “para um corpo” ...

Pag A15

CIÊNCIA & TECNOLOGIA A13

A interseção da Arte e Tecnologia:

Na contemporaneidade, com a evolução da tecnologia, as Artes possibilitam a transformação das formas de expressão e da interação humana. Desde os tempos mais remotos...

Pag A17

HISTÓRIA & CURIOSIDADES

Heroínas Ocultas: As Mulheres que Moldaram a História

A história, essa narrativa tantas vezes escrita por mãos masculinas, tenta nos convencer de que o progresso nasceu do esforço de alguns poucos nomes.

Pag A14

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"



IMAGEM GERADA POR IA "usando DALL-E, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/02/2025"

PARA A1 - Volte a página

Ao mesmo tempo, comunidades indígenas e grupos marginalizados estão assumindo um papel ativo na narração de suas próprias histórias. Tradições orais, que foram por muito tempo descartadas como "mitos", estão agora sendo reconhecidas como fontes valiosas de conhecimento histórico. Este reconhecimento não apenas valida experiências históricas diversas, mas também oferece insights únicos sobre eventos passados que podem ter sido mal interpretados ou ignorados pelos registros coloniais.

A tecnologia também está desempenhando um papel crucial nesta revolução. Plataformas digitais estão democratizando o acesso à informação histórica e permitindo que comunidades compartilhem suas histórias diretamente com um público global. Ferramentas como realidade virtual e aumentada estão nos permitindo reconstruir e experimentar histórias de maneiras que eram impossíveis antes. Isso não apenas torna a história mais acessível, mas também mais envolvente para as novas gerações.

A descolonização da história está levando a uma reavaliação profunda de como entendemos as civilizações antigas e modernas. Narrativas tradicionais que frequentemente retratavam sociedades não-ocidentais como "primitivas" ou "subdesenvolvidas" estão sendo desafiadas por evidências arqueológicas e históricas que revelam complexidades antes ignoradas.

Recontextualizando as Civilizações Antigas e Modernas

Novas descobertas estão constantemente revelando a sofisticação das antigas civilizações africanas. Por exemplo, recentes escavações no antigo reino de Kush mostram sistemas de irrigação e técnicas metalúrgicas que rivalizavam com qualquer coisa na Europa antiga. Estas descobertas não apenas enriquecem nossa compreensão do passado africano, mas também desafiam noções eurocêntricas de progresso e desenvolvimento.



Similarmente, a reavaliação das civilizações pré-colombianas nas Américas está revelando realizações surpreendentes. Os avanços astronômicos e matemáticos dos Maias, por exemplo, eram mais precisos do que os de seus contemporâneos europeus. Estamos apenas começando a apreciar a profundidade de seu conhecimento.



Esta recontextualização não se limita às civilizações antigas. O período colonial e suas consequências estão sendo reavaliados sob uma luz mais crítica. É crucial examinar como o colonialismo não apenas impactou as sociedades colonizadas, mas também moldou profundamente as próprias nações colonizadoras. Esta história interconectada é essencial para entender as dinâmicas globais atuais.

A descolonização da história também está lançando nova luz sobre as formas de resistência e adaptação das sociedades colonizadas. As narrativas de resistência e resiliência são tão importantes quanto as histórias de opressão. Elas nos mostram a agência e a criatividade das comunidades face à dominação colonial.

As implicações da descolonização da história vão muito além da academia, afetando profundamente como ensinamos história nas escolas, como formulamos políticas públicas e como entendemos nossa identidade cultural. Currículos escolares estão sendo redesenhados para oferecer uma visão mais equilibrada e global

da história. Isso não é apenas sobre correção histórica, mas sobre preparar os estudantes para um mundo cada vez mais interconectado.



No campo da pesquisa, novas metodologias estão emergindo que enfatizam a colaboração e o respeito mútuo entre pesquisadores e comunidades. Há um aumento em projetos de pesquisa participativa, onde comunidades locais são parceiras ativas no processo de investigação histórica, não apenas sujeitos de estudo.

Estas mudanças na pesquisa e educação têm implicações significativas para a formulação de políticas. Uma compreensão mais nuançada da história colonial pode informar políticas mais equitativas de reparação e reconciliação. Isso é particularmente relevante em discussões sobre restituição de artefatos culturais, reparações por injustiças históricas e políticas de inclusão cultural.

No entanto, o processo de descolonização da história não é sem controvérsias. Críticos argumentam que pode levar a uma relativização excessiva da verdade histórica. Devemos ter cuidado para não substituir uma narrativa simplista por outra. O objetivo deve ser uma compreensão mais rica e nuançada do passado, não uma inversão de hierarquias.

Apesar dos desafios, o movimento para descolonizar a história continua a ganhar força, prometendo uma compreensão mais inclusiva e equitativa do passado humano. Este é um momento transformador na historiografia. Estamos não apenas reescrevendo livros de história, mas redefinindo o que significa estudar e entender o passado. O resultado será uma narrativa histórica mais rica, mais complexa e, ultimamente, mais verdadeira.



Opinião

A Escravidão Literária: Quando a Arte é Vendida pelo Preço do Pertencimento



No Brasil, um fenômeno inquietante emerge no cenário literário: a transformação do desejo de reconhecimento em mercadoria lucrativa. Em um mercado onde medalhas, títulos e antologias proliferam, escritores e poetas são frequentemente levados a pagar altos valores em troca de validação. Por trás da promessa de pertencimento, esconde-se, em alguns casos, uma prática predatória que explora necessidades humanas profundas e fragiliza a verdadeira essência da literatura.

Pag A18

Curiosidades

O Código das Catedrais: Os Segredos Simbólicos da Arquitetura Gótica



No coração da Europa medieval, ergueram-se estruturas que parecem desafadoras para o tempo e a compreensão humana: as catedrais góticas. Com suas torres imponentes, vitrais que capturam a luz divina e detalhes minuciosamente esculpidos, essas obras são muito mais do que templos religiosos. Elas são livros de pedra, repletos de mensagens simbólicas que falam de fé, poder, sabedoria e mistérios que ainda fascinam estudiosos e visitantes.

Pag A12

Salvador Dalí e Dom Quixote:

Quando o Surrealismo Ilustrou o Maior Clássico Espanhol

CURIOSIDADES

POR

The Bard News, Redação

Salvador Dalí, surrealista por excelência, empreendeu uma trajetória inusitada em decorrer da ilustração de uma edição especial de “Dom Quixote”, obra imortal do nosso Miguel de Cervantes. Ao entrecruzar a literatura clássica com a pintura surrealista, Dalí não reinterpretou apenas uma obra clássica, mas também criou uma exposição em diálogo em que imaginação se confronta

O trabalho de Dalí é marcado por seu ineditismo, virando páginas já habituadas às histórias conhecidas em portas de entrada para mundos oníricos e simbólicos. Suas imagens rompem com tradição, adentrando-os elementos surreais—alterações deformantes de imagens, metáforas visuais e cenários desafiando a lógica—que reinterpretem as aventuras e delírios do cavaleiro andante. A maneira em que se aproxima do romance desafia tanto as convenções romanescentes quanto as estruturas visuais tradicionalmente associadas às imagens de livro. A técnica densificante em negativo frontal ampl

O blend entre simbólico e histórico na obra de Dalí reafirma a multifaceta da cultura espanhola, onde orgulho, tradição e busca pela liberdade se entrecruzam. Com sua releitura de “Dom Quixote” em clave moderna, o grande mestre do surrealismo provoca uma questionamento sobre se as releituras dos clássicos por parte dos contemporâneos mantêm relevo ou se fazem perder autenticidade se desviarem do imaginário classicamente constituído. Além de ser uma homenagem à obra de Cervantes, essa cooperação entre as duas criaturas é uma chamada às novas gerações redescobrirem e reinterpretarem sua herança cultural. A reinterpretação de um clássico por meio da imagem visível não apenas fortalece a cultura e a importância da história, mas também oferece uma plataforma em que o diálogo entre antigo e novo possa florescer. A experimentação de Dalí em combinar surrealismo com tradição cervantina abre espaço às múltiplas leituras, demonstrando em que medida uma obra clássica pode ser constantemente renegociada sem se perder de valor intrínseco.

Em resumo, essa inédita união entre Salvador Dalí e “Dom Quixote” demonstra por qual maneira o encontro entre linguagens artísticas diversas pode dinamizar a leitura, entusiasmando e estimulando tanto o encantamento quanto a análise da conservação e revitalização do patrimônio cultural.



Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uideam ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaandesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure

Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br

Rubião e Domingos: O preço da fortuna



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

@prof.alineabreu

Na literatura brasileira, a trajetória de Rubião em “Quincas Borba” simboliza a fusão entre inocência e ambição que tanto permeia o imaginário social. O personagem, saído de uma posição modesta e alçado subitamente à opulência graças à herança de Quincas Borba, revela como o poder do dinheiro pode cegar e submeter suas vítimas a um círculo de bajuladores. A narrativa machadiana se desenrola com ironia: Rubião, preso à crença na fartura ilimitada, é envolto em um turbilhão de gastos e falsas promessas. Seu fim trágico, marcado pela perda não só de bens materiais, mas também de sua sanidade, evidencia a fragilidade daquele que confunde fortuna com estabilidade.

Esse enredo literário encontra eco em casos reais, como o de Antônio Domingos, cuja trajetória reflete, de forma quase trágica, a de Rubião. Em 1983, aos 19 anos, Domingos saiu da casa inacabada onde morava com a mãe na Bahia para se tornar um milionário da noite para o dia ao ganhar um prêmio de loteria equivalente a R\$30 milhões. Subitamente transportado

para um universo de luxo, hospedou-se na suíte presidencial de um hotel de Salvador e passou a viver como um verdadeiro monarca sem coroa. Cercado por falsos amigos e aproveitadores, entregou-se a festas extravagantes, carros abandonados pelo simples capricho de não trocá-los, roupas novas que substituíam qualquer necessidade de lavar as antigas e jantares fartos oferecidos a desconhecidos.

Cegos pelo fascínio do dinheiro fácil, tornaram-se exemplos vivos da ironia do destino

Assim como Rubião, que se iludiu com a ideia de poder e prestígio, Domingos acreditou que sua fortuna jamais teria fim. No entanto, sem planejamento e sem a noção de que dinheiro não se multiplica sozinho, ele viu sua riqueza

se dissolver em menos de cinco anos. Aos 24 anos, já sem nada, precisou retornar à mesma casa modesta de onde havia partido, agora sem ilusões e sem qualquer segurança financeira. Se Rubião perdeu a sanidade ao final de sua jornada, Domingos perdeu tudo o que um dia acreditou possuir. Ambos, cegos pelo fascínio do dinheiro fácil, tornaram-se exemplos vivos da ironia do destino e da efemeridade da riqueza quando mal administrada.



A relevância de se comparar a ficção machadiana a fatos concretos está na compreensão do aspecto efêmero da riqueza. Com frequência, a literatura parece antecipar o

comportamento humano, ilustrando situações que, embora fantasiosas à primeira vista, encontram ampla correspondência na realidade. Ao fazer essa leitura paralela, percebemos que o fascínio provocado pela fortuna pode seduzir mentes despreparadas, levando-as a acreditar na eternidade de algo que não se mantém por si. O deslumbre inicial dá lugar ao abandono e às consequências de decisões mal planejadas.

Olhando além das páginas do romance, esse caso comprova a força da obra literária como meio de refletir sobre a condição humana. Tanto na ficção quanto na vida real, a ausência de planejamento e o excesso de confiança resultam em um desfecho amargo. Logo, a lição que se extrai é clara: a literatura, mesmo não oferecendo garantias de sucesso a quem a estuda, pode servir como um espelho. É esse espelho reflete, sobretudo, a necessidade de prudência, de senso crítico e de moderação na administração de qualquer ganho súbito. Afinal, o fascínio imediato pode ser apenas o primeiro passo rumo ao vazio.

A Evolução dos Gêneros Literários

Da ficção científica ao realismo mágico, explorando como diferentes estilos literários refletem e influenciam a sociedade

PARA A1 - Volte a página

Por J.B Wolf

Os gêneros literários não são entidades estáticas; eles evoluem, se fundem e às vezes dão origem a novas formas de expressão. Esta fluidez reflete as mudanças na sociedade, tecnologia e pensamento humano ao longo do tempo.

Historicamente, as categorias literárias eram mais rígidas. A "Poética" de Aristóteles, por exemplo, delineava claramente a tragédia, a comédia e a épica. No entanto, com o passar dos séculos, essas fronteiras se tornaram cada vez mais permeáveis. O romance, um gênero relativamente jovem que surgiu no século XVIII, rapidamente se diversificou em inúmeros subgêneros, demonstrando a capacidade da literatura de se adaptar às mudanças sociais e culturais.

Hoje, vemos gêneros híbridos emergindo constantemente. O "cli-fi" (ficção climática), por exemplo, funde elementos de ficção científica com preocupações ambientais contemporâneas. Esta evolução contínua dos gêneros não apenas reflete as mudanças em nossa sociedade, mas também proporciona novas formas de explorar e entender essas mudanças.

O Poder Transformador dos Gêneros

Cada gênero literário possui o poder único de influenciar a forma como percebemos e interagimos com o mundo ao nosso redor.



A ficção científica, por exemplo, não apenas prevê futuros possíveis, mas também molda ativamente esse futuro. Obras como "1984" de George Orwell não só refletiram os medos da época em que foram escritas, mas também influenciaram profundamente o discurso sobre privacidade e vigilância governamental nas décadas seguintes.

Por outro lado, o realismo mágico, popularizado por autores latino-americanos como Gabriel García Márquez, oferece uma lente através da qual podemos ver o ordinário como extraordinário. Este gênero não apenas reflete a rica tradição oral e mitológica de certas culturas, mas também desafia os leitores a questionar as fronteiras entre realidade e fantasia em suas próprias vidas.

O gênero de suspense psicológico, exemplificado por obras como "O Silêncio dos Inocentes" de Thomas Harris, mergulha nas profundezas da psique humana, fazendo-nos questionar a natureza do bem e do mal. Estes livros não apenas entretêm, mas também

nos convidam a refletir sobre nossa própria moralidade e os limites da mente humana.

Gêneros como Reflexos Culturais

Os gêneros literários frequentemente servem como espelhos da sociedade, refletindo seus medos, esperanças e preocupações.

O romance distópico, por exemplo, ganhou imensa popularidade em tempos de incerteza política e social. Obras como "A História da Aia" de Margaret Atwood ressoam fortemente em momentos de retrocesso nos direitos das mulheres, servindo tanto como advertência quanto como chamado à ação.

Da mesma forma, o crescimento da literatura young adult (YA) nas últimas décadas reflete as mudanças nas experiências e preocupações dos jovens. Séries como "Harry Potter" de J.K. Rowling não apenas capturam a imaginação dos leitores, mas também abordam temas complexos como identidade, amizade e o confronto com a mortalidade, tudo através de uma lente acessível aos leitores mais jovens.

O gênero da autoficção, que mistura elementos autobiográficos com ficção, ganhou proeminência em uma era de redes sociais e autorreflexão pública. Autores como Karl Ove Knausgård, com sua série "Minha Luta", desafiam as fronteiras entre o público e o privado, refletindo uma sociedade cada vez mais confortável com o compartilhamento de detalhes íntimos.

A Interseção entre Gêneros e Identidade

Os gêneros literários também desempenham um papel crucial na representação e exploração de identidades diversas. A literatura afrofuturista, exemplificada por obras como "Kindred" de Octavia Butler, oferece visões de futuros centrados em experiências e culturas negras. Este gênero não apenas imagina futuros alternativos, mas também reexamina o passado e o presente através de uma lente que celebra e empodera identidades marginalizadas.

O Futuro dos Gêneros Literários

À medida que avançamos para um futuro cada vez mais digital e interconectado, os gêneros literários continuam a evoluir e se adaptar. A ficção interativa e os livros de realidade aumentada estão borrando as linhas entre literatura e outras formas de mídia, criando experiências de leitura imersivas e personalizadas.

Além disso, a globalização e o aumento da tradução literária estão trazendo gêneros e tradições narrativas de diferentes culturas para um público mais amplo. Isso não apenas enriquece o panorama literário global, mas também desafia nossas noções preconcebidas sobre o que constitui um "gênero".

O futuro dos gêneros literários promete ser tão diverso e dinâmico quanto o próprio tecido da sociedade humana. À medida que novas tecnologias, desafios sociais e mudanças culturais emergem, podemos esperar que os gêneros

literários continuem a se adaptar, oferecendo novas formas de entender, criticar e imaginar nosso mundo.

A Tapeçaria Infinita

Os gêneros literários são muito mais do que simples categorias em uma prateleira de livraria. Eles são lentes poderosas através das quais vemos e interpretamos o mundo, ferramentas com as quais construímos e desconstruímos nossa realidade, e espelhos que refletem os mais profundos desejos e medos da sociedade.

A diversidade de gêneros não apenas enriquece nossa experiência literária, mas também expande nossa capacidade de empatia e compreensão. Cada gênero oferece uma perspectiva única, convidando-nos a ver o mundo através de diferentes olhos e a imaginar possibilidades além de nossa experiência imediata.

À medida que continuamos a tecer a tapeçaria infinita da literatura, cada gênero adiciona seus próprios fios únicos, criando um padrão rico e complexo que reflete a diversidade da experiência humana. Nesta tapeçaria, encontramos não apenas entretenimento, mas também desafio, conforto, e, acima de tudo, um reflexo de quem somos e do que podemos nos tornar.



Narrativas Interativas: Quando o Leitor Vira Parte da História

Narrativas interativas revolucionam a literatura, transformando leitores em protagonistas. Livros-jogo e jogos narrativos oferecem experiências personalizadas, onde escolhas moldam histórias, promovendo imersão e criatividade. Descubra como essa tendência redefine a leitura.

Você já imaginou ler um livro em que é você quem decide o que acontece? Escolhe o rumo da trama, define o destino dos personagens... e ainda pode mudar o final? Pois é. A literatura está passando por uma revolução silenciosa — e poderosa. E, dessa vez, quem dita o rumo da história é o leitor.

Estamos falando das narrativas interativas. Elas estão quebrando o velho molde da leitura linear e nos convidando para um novo tipo de experiência. Uma em que você deixa de ser só espectador e se torna coautor da jornada.

Sabe aqueles livros em que, ao final do capítulo, você precisa escolher entre duas opções e ir para páginas diferentes, dependendo da sua decisão? Pois bem. Os chamados livros-jogo trazem exatamente isso: um convite à ação. E cada escolha pode levar a um final completamente diferente.

Mas não para por aí.

Esse conceito também ganhou vida nos videogames — e não estamos falando de jogos comuns, mas de jogos narrativos, onde cada decisão muda tudo: o enredo, os personagens, o desfecho. Exemplos? The Witcher, Life is Strange, Detroit: Become Human. Não são só jogos — são experiências emocionais, quase literárias, com trilhas sonoras envolventes e cenários que parecem saídos de um bom romance.



O mais interessante? Essas histórias são únicas para cada pessoa. O que você vive é diferente do que outro leitor ou jogador vai viver. E isso cria uma conexão muito mais profunda — porque a história passa a ter o seu toque, a sua escolha, o seu tempo.

A verdade é que, em um mundo onde muita coisa já vem pronta e mastigada, as narrativas interativas chegam como um respiro criativo. Elas não entregam tudo de bandeja. Elas desafiam, provocam e envolvem.

E mais: dão espaço para que autores e desenvolvedores pensem fora da caixa. Em vez de uma história com começo, meio e fim já definidos, surge um universo de possibilidades, múltiplos finais, personagens que reagem ao leitor, enredos que se desdobram conforme suas decisões.

A leitura deixa de ser um caminho reto e vira um labirinto de emoções, escolhas e descobertas.

É a arte de contar histórias reinventada. E você está no centro dela.

EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol 1 Jomal Nº I - Maio/2025
Direção Geral: J.B Wolf
Editor-Chefe: J.B Wolf
Conselho Editorial: [Lista de membros]
Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]
Coordenação de Arte e Design:
Agência The Wolf Bard
Suporte Técnico: [TI e Web]
Contato: redacao@thebardnews.com |
Instagram: @thebardnews
Endereço: Águas Claras, Brasília - DF
Colaboradores: [Convidados]
Contato para publicações: participe@thebardnews.com

"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

Colunistas fixos: [colunistas especiais]

- J.B Wolf
- Stella Gaspar
- Jeanne Tertuliano
- Magna Aspásia
- Beth Baltar
- Aline Abreu Santana
- Renata Munhoz
- Clayton Zocarato
- Cleópatra Melo

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard

CONTATO/WHATSAPP:

(61) 9 8474-7033

LITERATURA

CRÔNICAS

Sinestesias pretéritas



POR
Neri Luiz Cappellari

Ontem estava andando pela calçada. Junto ao meio fio, vários pés de árvores formavam uma carreira ao longo do meu percurso. De repente, eis que surge um pequeno pé de pitanga que, para minha surpresa, estava carregado de frutas. Não tive dúvidas. Peguei uma pitanga e a comi. Imediatamente, o gosto daquela fruta me levou ao passado.

O seu sabor aguçou a minha memória, e eu, em questão de segundos, voltei aos meus nove anos. Um campo todo verde com diversas árvores frutíferas formou-se a minha frente. Vários pés de pitangueiras, guabiobas, jabuticabas, figos, romãs aguçavam o meu paladar. Captei o cheiro de mato, o cantar dos quero-quero, o barulho do vento, o farfalhar das folhas. Até o pé escondido de guaimbê ganhava brilho em meus pensamentos. Aquele mesmo córrego onde tantas vezes me banhei, pesquei e bebi daquela água, até me faltar, estava ali borbulhando em meus pensamentos. O pequeno riacho de águas claras puras e límpidas serpenteava aquela paisagem verde a perder de vista.

É incrível como um olhar diferente sobre as coisas, em princípio, tão normais no dia a dia, pode nos abrir as janelas do passado.

Outro dia, estava olhando umas fotos antigas de parentes, amigos, alguns inclusive que já partiram. Ao ver aquelas imagens, meus pensamentos vasculhavam as lembranças de anos há muito tempo idos – tempos bons aqueles! São lembranças que trazem saudades e uma vontade muito

grande de reviver cada momento mais uma vez.

Fechava os olhos e via uma casa familiar, tão antiga quanto o tempo que minha memória permitia alcançar. Não era muito grande nem bonita, porém suas paredes contavam histórias que me faziam divagar. Eram recordações daquelas conversas antigas, ao cair da noite, sem internet, sem televisão, sem celular. O assunto era sobre o trabalho daquela gente simples da roça: o de alimentar as galinhas, o gado, os porcos antes do cair da tarde. A lida na enxada do amanhecer ao anoitecer. Arar a terra ao sol escaldante, com os corpos suados, das tardes sem fim. Depois deviam plantar as sementes todas enfileiradas, a perder de vista, naqueles campos dourados ao por do sol. As melhores épocas para o plantio e a colheita eram assuntos obrigatórios em conversas necessárias que, às vezes, entravam na noite.

Lembro-me de que meu avô tinha uma atração especial pelos vinhedos. Sabia todos os detalhes sobre a época certa para o seu cultivo. Dizia que os cachos das uvas eram que nem o cabelo de uma linda mulher e somente deveriam ser tocados com carinho para exalarem o frescor das manhãs. Realmente o seu vinho era o melhor da região, e ele se orgulhava desse fato – eu também. Eu adorava descer ao porão – até hoje vejo as pipas dispostas lado a lado – e ainda sinto o cheiro de madeira antiga impregnada no ar. Ele mostrava aquele líquido bordô com orgulho aos seus vizinhos e aos amigos. Era o seu recanto pessoal para degustar essa bebida, após o almoço, antes de reiniciar a sua dura lida diária como homem do campo.

Enganam-se os cientistas que acham ser difícil ou impossível voltar ao passado. Basta saborear uma pitanga ou olhar algumas fotos antigas para retomarmos a nossa infância. Depois, é só soltar as amarras e deixar-se levar pelas asas da memória. Assim, as frestas do tempo se abrirão para nos mostrar que até o impossível pode ser tocado. Então os anos – há muito tempo idos – abrirão suas janelas para o brilho do nosso olhar.

f @neri.cappellari



Miniconto
Dragon



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

@poetajbwolf

Sua sombra engoliu a lua,
seu hálito fogo
consumiu o chão,
e assim fez-se medo e
escuridão.

POEMAS

Existência

Na vastidão do sentir, existo.
Neste lugar onde a pele é mapa de prazer.
Um arrepio, frio da saudade.
Um calor, fogo que arde de amor.

Na vastidão do sentir, transbordo.
Em lágrimas que contêm um oceano
Nada se vê, além do horizonte
perdido no tempo sem bússola.

Na vastidão do sentir, danço.
Com a música que embala o coração.
Numa canção que nunca termina
E liberta meu corpo em cada movimento



POETA
Edna Lessa

@ednalessa_escritora

POEMAS

As MáSCarAs AdOlesCenTe dE uM sOrrisO BanGuela



POETA
J.B Wolf

@poetajbwolf

Quão doce é a lembrança,
em ver-te a cada passo teu,
cada medo simples,
cada gesto ingênuo,
em minha palma e mão.

Sempre com sorriso meigo,
bochechas coradas,
pernas inseguras sem sustento,
mãozinhas firmes, um passeio
em cada espaço seguro.

Meus olhos lacrimejam, e
liquidamente o amor toma forma,
e eu sem saber nesta estreia viva,
me coloquei diante de um amor
nunca imaginado e capaz de sentir.

E a cada dia suas transformações
e conquistas me surpreendem:
seu riso, seu choro, seu andar
seu cheiro, seu olhar,
sua independência e seu lambuzar.
Enfrento minha sutil infantilidade,
mesmo que por segundos
a infância desague em mim,
em voz esganiçada e desafinado
falsete meigo,
finjo diálogo em troca de suas alegrias.

De máscara e boquinha encoberta,
sorrias sempre com seus olhares,
viras extensões de meus braços,
e em 360 graus giro, e encontro em seu
sorriso banguela a minha felicidade.

POEMAS

Quando?

E esta minha alma
Que tem as bagagens
Das memórias,
Que tem o peso das histórias
Que tem o peso da solidão
Bem dentro desse olhar vão.

Que tem o peso da saudade
E das dores trazidas
No meio de tantos outros.

E esta minha alma
Que só anela Amar e Viver.
Amar pra Viver
Sem deixar para depois de amanhã
e perder a hora,
O meu tempo sempre será o Agora.
Até quando vais me perguntar?



POETA
Arcely Soares

@ms_arely

POEMAS

Soneto da (Com)paixão



POETA
Lilian Barbosa

@amagoreflexivo

Face quente ante o frio que escorria
Das verdes gemas, um rio minava
Choro irrompia, dor que desatava
Compasso fino, tenra melodia

Enquanto choravas, eu percebia
A torrente que de ti transbordava
Provinha do meu peito que sangrava
Porquanto a tua dor que me atingia

Ver-me em ti, obstruído, sem acalento
Ver-te em mim, ao teu reflexo! Atentaste!
Como abrandarias o contratempo?

Prendestes ao passado o sofrimento
Pois nesta tentativa é que falhaste!
As dores não se importam com o tempo.

Participe e Publique a sua Arte

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 30ª edição Março e Abril



VOZES ETERNAS:
"A Ópera e seu papel na Cultura e arte Universal"

[Clique aqui para baixar](#)

Em Processo Editorial - 31ª edição Maio e Junho
Lançamento dia 11 de Maio



PÁGINAS DE PEDRA:
"A arquitetura e o legado das grandes bibliotecas"

[Clique aqui para baixar](#)

Editais Abertos - 32ª edição Julho e Agosto
Término dia 10 de Maio



SOB OS VENTOS DO NORTE:
"A arte nas Culturas Nórdicas"

[Clique aqui para acessar](#)

Site da Revista The Bard

[Clique aqui para acessar](#)

Editais Abertos

[Clique aqui para acessar](#)

Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

Canal no Instagram

[Clique aqui para acessar](#)

LITERATURA

Romance Secular na Era Digital:
A Persistência do Amor nas LetrasPor Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

No cenário dinâmico da cultura digital, as interações com a literatura são transformadas diante das novas possibilidades que o ciberespaço inaugura. As novas tecnologias têm influenciado demasiadamente como o homem vive e se relaciona em vários campos da vida. Na era digital, a produção e difusão de romances de amor se transformaram com o surgimento de novas tecnologias, como as redes sociais e as plataformas de publicação.

“Um romance cibernético demonstra a ânsia por uma experiência amorosa completa.”



IMAGEM GERADA POR IA “usando STABLE DIFFUSION, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/03/2025”

As redes sociais, como Facebook, Instagram, entre outras, transformaram a maneira como as pessoas se conhecem, interagem e mantêm seus relacionamentos. Um romance cibernético demonstra a ânsia por uma experiência amorosa completa, que transcenda a barreira do virtual.

Bastante contemporâneo, o amor na era digital é uma experiência que envolve complexidades de relacionamentos, fantasias e sentimentos envolvidos virtualmente. O desejo é profundo e ansiado pela vontade de que essa conexão virtual se torne algo real e palpável, evidenciando a necessidade do contato físico direto com aquela vontade de parar o tempo.

É esse processo representado nos romances sentimentais que mantêm a irrigação constante do imaginário pelo real e do real pelo imaginário. Segundo Morin (2005, p.136) “sem a literatura, o amor não existiria...” Mas, reciprocamente, sem a necessidade de amor, toda a literatura não existiria”. A natureza do amor na cultura de

massa está na oscilação entre imaginário e real, pois se busca nas vivências cotidianas de uma época contemporânea e nas necessidades reais dos indivíduos a constituição de modelos que são aceitos e repetidos nas mais diversas histórias sentimentais. Percebe-se que a busca do amor é permanente em qualquer tempo e em qualquer tipo de mídia, seja no impresso ou no digital. O romance também pode ter seu espaço na cultura digital, ainda que não tenha sido pensado e produzido em função ou para ela. Digo com isso, a importância que tem a imaginação, em um curto período, com as formas de se buscar o amor. O amor entre oceanos e geografias não diminui, porque a vontade de amar, de estar juntos são mais fortes que as fronteiras. Esse amor é paciente, resistente, alegre ou triste. Há dias de exaustão, dias de descrença, mas existe a espera do contato virtual, porque existe amor por alguém que está à espera na tela do computador, do celular, na mensagem do WhatsApp, ou nas correspondências dos e-mails. Quando o assunto é o amor, a teia de significantes permanece a mesma. Os amantes

são mortais e buscam a plenitude e a felicidade, não querem mais morrer no final, como acontecia nas tragédias do romantismo. Citamos a influência dos temas shakespearianos na literatura moderna, particularmente em relação aos temas de amor, ciúme, ambição e poder, é um testemunho da relevância duradoura de sua obra. A maneira como Shakespeare durante o século XVI, usou a linguagem para evocar emoções e criar imagens vívidas continua a inspirar, romancistas contemporâneos como; Herman Melville e Charles Dickens, embora essa só seja uma pequena citação.

A persistência do Amor nas Letras é fascinante; cada amor tem a sua arte de amar; uma das razões que explicam justamente a força de combustão da paixão é o fato de sabermos que ela será consumida, satisfazendo desejos. O romance está vivo, pois a leitura de um romance é uma espécie de sonho acordado.

Referências:
Morin, Edgar. Cultura de massa no século XIX espírito do tempo. Vol.1 — Neurosc.9.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

O Futuro do Romance
na Era Pós-DigitalPor J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Em um mundo dominado por algoritmos e conexões virtuais, o romance literário está passando por uma transformação profunda. Autores contemporâneos estão habilmente tecendo as complexidades do amor na era digital em narrativas que ressoam com a experiência humana moderna, provando que, mesmo em meio a bytes e pixels, o coração ainda bate forte nas páginas da literatura.

Olhando para o futuro, é claro que o romance como gênero literário continuará a evoluir. À medida que tecnologias como realidade virtual e inteligência artificial se tornam mais prevalentes, podemos esperar ver histórias de amor que desafiam ainda mais nossas noções de realidade e identidade.

No entanto, o sucesso contínuo de romances que tratam de temas universais do amor sugere que, independentemente das mudanças tecnológicas, sempre haverá um lugar para histórias que falam diretamente ao coração humano.

O romance na era digital não é, portanto, uma ruptura com a tradição, mas uma continuação dela. É uma prova da resiliência do amor como tema literário e da capacidade dos escritores de encontrar novas formas de contar as histórias mais antigas da humanidade.

Em última análise, o romance contemporâneo na era digital nos lembra que, embora a tecnologia possa mudar a forma como nos comunicamos e nos conectamos, ela não pode alterar nossa necessidade fundamental de amor, compreensão e conexão humana. E é nessa verdade eterna que o romance, como gênero literário, encontra sua força contínua e sua relevância duradoura.



À Beira do Precipício

A Fascinação Mortal que
Habita a Mente Humana

GÊNERO - Ensaio

“Em uma análise brilhante e perturbadora, Edgar Allan Poe revela o paradoxo sombrio que atrai o ser humano para o perigo e o desconhecido.”

Nova Iorque, 1850 – Em sua obra magistral “O Demônio da Perversidade”, o escritor Edgar Allan Poe conduz seus leitores a um mergulho profundo nas intrincadas camadas da psique humana. Em uma narrativa densa e angustiante, ele descreve o que nos move a contemplar o abismo – não apenas como um fenômeno físico, mas como uma metáfora para os impulsos irracionais que desafiam a razão.

Neste ensaio, Poe explora o momento em que, à beira de um precipício, sentimos um misto de horror e fascínio. Ele detalha como essa dualidade nos conduz ao pensamento mais temido: o desejo de saltar. O autor argumenta que a “perversidade” é uma força inerente ao ser humano, uma espécie de “demônio interno” que nos impulsiona a buscar o proibido e enfrentar o abismo, seja ele literal ou metafórico.

A controvérsia da perversidade

Especialistas debatem o impacto psicológico e filosófico dessa teoria. Para alguns, Poe captura com precisão os conflitos internos que moldam

as ações humanas. Para outros, sua visão é pessimista, mas inegavelmente provocadora.

O eco na literatura moderna

“O Demônio da Perversidade” não apenas redefine o gênero gótico, mas também influencia discussões sobre a natureza humana na literatura contemporânea. Psicólogos e filósofos encontram nesse texto um campo fértil para explorar os impulsos que levam o homem ao limiar entre razão e destruição.

Um legado atemporal

A obra de Poe continua a fascinar leitores ao redor do mundo, oferecendo insights sobre os mistérios da mente humana. O precipício que ele descreve, ao mesmo tempo assustador e atraente, é um espelho de nossas próprias contradições internas.

Esse trecho é um exemplo clássico da escrita de Edgar Allan Poe, retirado do ensaio “O Demônio da Perversidade”. É uma reflexão profunda e sombria sobre a condição humana, especialmente sobre a força irracional e paradoxal que nos leva a desafiar o instinto de autopreservação.

À Beira do Precipício

Paramos à beira do precipício. Nossa visão se projeta para o abismo, somos tomados por um assomo de náusea e vertigem. Nosso primeiro impulso é afastar-nos do perigo. Sem a menor explicação, permanecemos ali.



Lentamente, nosso enjoo, nossa tontura, nosso horror se mesclam a uma nuvem de sentimentos indizíveis. Gradativamente, ainda mais perceptível, esta nuvem toma forma, como o vapor que surgiu da garrafa de Aladim e formou o gênio das Mil e Uma Noites. Porém, desta nossa nuvem à beira do despenhadeiro, torna-se progressivamente uma forma mais terrível que a do gênio, muito mais horrenda que a de qualquer demônio lendário.

E, no entanto, é somente um pensamento, por mais amedrontador que seja, que nos gela até a medula dos ossos com a ferocidade inerente à delícia de seu pavor. É meramente a ideia de qual seria a nossa sensação durante o mergulho precipitado de uma queda de tal altura.

E esta queda — esta aniquilação rápida —, pela própria razão de que invoca a mais

ANÁLISE DO TRECHO DO ENSAIO DE POE

macabra e repugnante dentre todas as imagens tétricas e repelentes da morte e sofrimento que já se apresentaram à nossa imaginação, por esta mesma causa imaginamos saltar agora e o desejamos vividamente.

E, uma vez que nossa razão violentamente nos impede que cheguemos à borda, justamente por isso nos aproximamos mais impetuosamente. Não existe na natureza algo tão demoniacamente impaciente como aquele que hesita à margem de um precipício, meditando sobre se há de saltar ou não.

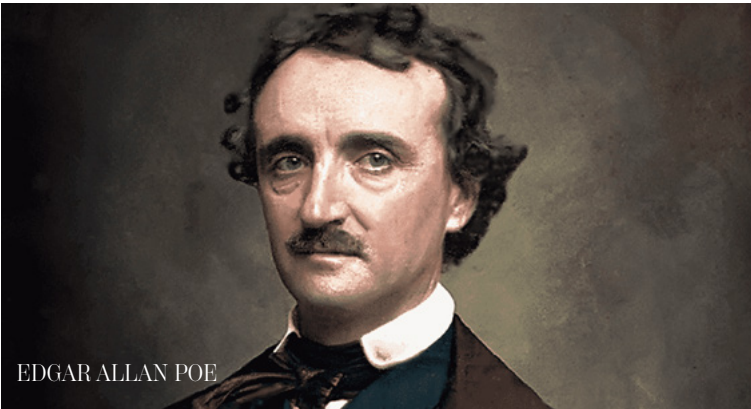
Deter-se, ainda que por um momento,

na contemplação desse pensamento, é estar violentamente perdido; porque a reflexão nos ordena afastar-nos sem demora e, portanto, exatamente por isso, é que não podemos.

Se não houver um braço amigo que nos ampare, ou se não fizermos um esforço súbito para afastar-nos do abismo, saltaremos e seremos destruídos.

— Edgar Allan Poe, In O Demônio da Perversidade

O DEMÔNIO DA PERVERSIDADE



LITERATURA & CULTURA

Paul Auster: O Arquiteto de Labirintos Literários

"Mergulhe no universo enigmático de Paul Auster, o mestre dos labirintos literários. Descubra como este autor revolucionou a ficção contemporânea, desafiando convenções e explorando as profundezas da identidade humana. Uma jornada imperdível pela mente de um gênio literário!"

No panteão da literatura contemporânea americana, poucos nomes brilham com a intensidade e a complexidade de Paul Auster. Nascido em Newark, Nova Jersey, em 1947, Auster emergiu como uma voz singular no panorama literário, tecendo narrativas que desafiam as convenções e exploram as profundezas da identidade humana.

Dr. James Wood, crítico literário do The New Yorker, observa: "Auster é um mestre em criar universos onde o acaso e o destino dançam em uma coreografia intrincada, deixando o leitor em um estado de constante questionamento."

A jornada literária de Auster começou cedo. Aos 12 anos, após a morte de um jovem colega atingido por um raio, ele teve uma epifania sobre a fragilidade da vida que moldaria profundamente sua escrita. "Aquele momento cristalizou para mim a arbitrariedade da existência", Auster revelou em uma entrevista à Paris Review.



Após se formar na Universidade de Columbia em 1970, Auster passou vários anos na França, traduzindo poesia francesa e desenvolvendo sua própria voz poética. A Dra. Lori Jakiel, professora de escrita criativa na Universidade de Pittsburgh, comenta: "Os anos de Auster na França foram cruciais. Ele absorveu a tradição

literária europeia, que mais tarde fundiria com o estilo americano de forma única."

O grande salto de Auster para a ficção veio com a publicação da "Trilogia de Nova York" (1985-1986). Esta série de romances noir metafísicos - "Cidade de Vidro", "Fantasmas" e "O Quarto Fechado" - estabeleceu Auster como um narrador inovador, misturando elementos de detetive com profundas explorações filosóficas. "A 'Trilogia de Nova York' redefiniu as possibilidades do romance pós-moderno", afirma o Dr. Steven Alford, professor de Humanidades na Nova Southeastern University. "Auster brinca com a identidade, a autoria e a própria natureza da realidade de maneiras que ainda ressoam na literatura contemporânea."

Ao longo de sua carreira, Auster continuou a surpreender e desafiar os leitores com obras como "Leviatã" (1992), "O Livro das Ilusões" (2002) e "4 3 2 1" (2017). Cada romance é uma exploração de temas recorrentes em sua obra: o papel do acaso na vida, a fluidez da identidade e a relação entre realidade e ficção.

A escrita de Auster não se limita à ficção. Suas memórias, como "A Invenção da Solidão" (1982) e "Diário de Inverno" (2012), oferecem vislumbres íntimos de sua vida e processo criativo. "Nestas obras, Auster revela a tênue linha entre autobiografia e ficção", observa a Dra. Alik Varvogli, autora de "The World that is the Book: Paul Auster's Fiction".

O estilo de Auster é caracterizado por uma prosa límpida e precisa, que contrasta com as complexidades narrativas de suas histórias. "Há uma tensão fascinante entre a clareza de sua linguagem e a ambiguidade de suas tramas", diz o Dr. Alford.



IMAGEM GERADA POR IA "usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 28/02/2025"

Além de romances e memórias, Auster também se aventurou no cinema, dirigindo filmes como "Smoke" (1995) e "Blue in the Face" (1995). Estas experiências cinematográficas influenciaram sua escrita, trazendo um elemento visual mais pronunciado para seus trabalhos posteriores.

A influência de Auster na literatura contemporânea é inegável. Escritores como Haruki Murakami e David Mitchell citam Auster como uma inspiração. "Auster abriu novas possibilidades narrativas que influenciaram uma geração inteira de escritores", afirma a Dra. Jakiel.

Apesar de sua reputação como um autor "difícil", os livros de Auster continuam a cativar leitores em todo o mundo. Suas obras foram

traduzidas para mais de quarenta línguas, um testemunho de seu apelo universal.

À medida que Paul Auster continua a produzir obras que desafiam e encantam, seu lugar no cânone da literatura americana moderna está assegurado. Seus livros são mais do que histórias; são explorações da condição humana, convites para questionar nossas próprias narrativas e a natureza da realidade que nos cerca.

Como o próprio Auster uma vez disse: "A história não está nos fatos, mas na ressonância que esses fatos criam dentro de nós." É nessa ressonância que reside o verdadeiro poder de sua escrita, ecoando muito além das páginas de seus livros.

GÊNERO - CONTO

Paz e Luz

Por Ladylene Ap



Em um tempo em que só o Tempo contava o tempo, existam dois seres - a Luz e a Paz. Dois seres completamente apaixonados um pelo outro. Seu amor ultrapassava todas as barreiras; um amor tão grande no qual nem o próprio Tempo intervinha. Mas amores assim não passam despercebidos, pelo menos não pela Escuridão, que morria de ciúmes e inveja.

Era uma inveja tão grande, que a cada vez que os via juntos seu ódio aumentava. Então no auge de sua cólera, a Escuridão se coloca entre a Paz e a Luz, separando-os, trazendo com isso guerras e tormentas.

As lágrimas da Paz invadem todos os mundos. A ira da Luz provoca distúrbio nos corações de todos os seres. O sofrimento toma conta de tudo.

E eis que com isto nem o Tempo consegue contar o tempo.

A Lua, que era conselheira e confidente da Luz, entristecida com o amor destruído, torna uma decisão, contrariando a Escuridão; que afinal também era sua leal companheira:

"Eu vou ajudá-los, não consigo mais ver tanta dor! Os mares estão revoltados, as estrelas perambulam sem rumo... O equilíbrio foi desfeito."

Revirando mundos e destinos, a deusa Lua encontra um lugar perfeito para os amantes. Eles são enviados para a terra, um mundo quase inexplorado com florestas e bosques, onde animais vivem em harmonia.

Agora em formas humanas, os amantes conhecem o toque, o cheiro um do outro. É uma nova experiência que se apresenta a eles. Juras de amor são trocadas, o equilíbrio foi restaurado!

Novamente esse equilíbrio dura pouco tempo. A Escuridão descobriu o esconderijo dos amantes e lançou o seu ódio. Agora a Luz tornou-se a prometida do deus Sol, e a Paz se refugia no brilho da deusa Lua.

Outra vez o sofrimento é sentido por todos. A ira da Luz provoca o caos, guerras de eras atrás são trazidas à tona. As lágrimas da Paz não têm fim, e com elas novamente tormentas são liberadas.

O Tempo já não consegue contar o tempo!

Tudo se afunda na mais longa tristeza, e a Escuridão reina soberana sobre o amor. E assim permanece por eras...

Netuno, deus dos Mares, e a deusa Lua, cansados das tormentas, resolveram desafiar a escuridão; e reúnem a Paz à Luz. Como ainda corriam o risco de enfurecer escuridão, ofereceram um acordo a eles.

Os amantes poderiam apenas se encontrar uma vez a cada ano daquela terra. Então os deuses das florestas decretaram que no primeiro dia de cada primavera o amor reinará entre os dois. Eles poderão passar um dia todo juntos do nascer do Sol até o nascer da Lua, assim nem a escuridão poderia intervir...

E assim foi feito. Depois de séculos separados a Luz finalmente encontra a Paz...

Ladylene Ap. 13/02/2021

@ladyleneap.escritora

Brasil e o Mundo: o que os hábitos de leitura revelam sobre a nossa relação com os livros

PARA A1 - Volte a página

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

A leitura tem o poder de transformar. Abre portas, estimula a criatividade, amplia a visão de mundo. Mas você já parou para pensar como nós, brasileiros, nos relacionamos com os livros em comparação com outros países? O que vemos — ou deixamos de ler — diz muito sobre quem somos como sociedade. E esse é um retrato que vale a pena observar mais de perto.

O Brasil e seus desafios com a leitura

Por aqui, ainda estamos engatinhando. De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), apenas metade da população é considerada leitora — ou seja, leu pelo menos um livro nos últimos três meses. A média? Cerca de 5 livros por ano, sendo que pouco mais de 2 são lidos do início ao fim.

Os motivos? Falta de tempo, desinteresse e, muitas vezes, uma infância sem o hábito de leitura. Em um país onde tantas famílias lutam por questões básicas, o livro ainda é visto, para muitos, como um luxo — e não como uma necessidade.

E nossos vizinhos?

Na América do Sul, o cenário varia. A Argentina, por exemplo, tem uma forte tradição literária. Lá, os leitores chegam a uma média de 5,4 livros por ano. No Chile, são 5,3 — ambos com números ligeiramente superiores aos nossos. O incentivo à leitura desde a infância faz a diferença, assim como o acesso mais estruturado à cultura.

"A leitura transforma. Enquanto brasileiros leem em média 5 livros por ano, países como Finlândia atingem 16. Investir em livros é investir em educação, cultura e no futuro de uma nação."

O velho continente e seus livros

Quando olhamos para a Europa, o salto é visível. Leitura por lá é mais do que hábito — é cultura. Os franceses leem, em média, 8,4 livros por ano. Na Alemanha, esse número sobe para 9,6. E na Finlândia, um caso à parte: são 16 livros por ano por pessoa! Não é à toa que os países nórdicos estão entre os mais desenvolvidos do mundo. Educação e leitura caminham lado a lado.



A arte de ler

IMAGEM GERADA POR IA "usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/03/2025"

E os Estados Unidos?

Os americanos também têm um bom histórico com os livros. Cerca de 72% dos adultos afirmam ter lido pelo menos um livro no último ano, e a média anual chega a 12 livros por pessoa. O que ajuda? O fácil acesso a bibliotecas, programas de incentivo e uma cultura forte de clubes de leitura.

Por que essas diferenças?

Tudo começa cedo. Nos países com altos índices de leitura, a infância é recheada de histórias, bibliotecas acessíveis e pais leitores. Além disso, fatores como escolaridade, renda, acesso a livros e o valor dado à cultura impactam diretamente esse cenário.

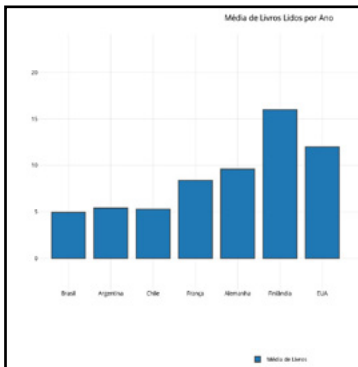


No Brasil, ainda há muito a ser feito. Mas há também muitos projetos incríveis, autores apaixonados e leitores que resistem. E isso dá esperança.

O que podemos aprender com tudo isso?

Comparar realidades não é sobre competição, mas sobre inspiração. Observar o que funciona em outros lugares pode ser o primeiro passo para criarmos políticas públicas mais eficientes, espaços de leitura mais acessíveis e uma cultura que valorize, de verdade, o livro.

Afinal, quanto mais gente lê, mais crítica, criativa e conectada com o mundo essa gente se torna.



CRÍTICA LITERÁRIA

Entre a Análise e a Subjetividade

A Essência e o Impacto da Crítica Literária na Contemporaneidade



IMAGEM GERADA POR IA "usando STABLE DIFFUSION, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/03/2025"



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna

"A crítica literária evoluiu de um julgamento estético para um campo dinâmico, influenciado por interpretações subjetivas, enriquecendo a compreensão da literatura e estimulando o pensamento crítico."

A crítica literária desempenha um papel fundamental na compreensão e na valorização das obras literárias. Ao longo da história, a análise crítica passou por diversas transformações, desde uma abordagem normativa e prescritiva, até a diversidade interpretativa

que marca o cenário contemporâneo. Mas, afinal, qual é o real impacto da crítica literária? É ela um instrumento de compreensão ou um reflexo de subjetividades?

Historicamente, a crítica literária surgiu como um meio de avaliar e classificar obras conforme padrões estéticos e morais. No entanto, com o avanço dos estudos acadêmicos, novas correntes críticas foram surgindo. O formalismo russo e o estruturalismo enfatizaram a análise da linguagem e da forma, enquanto as abordagens marxistas, feministas e pós-coloniais ampliaram o olhar crítico, incluindo fatores históricos, políticos e sociais na avaliação das obras.

Atualmente, a crítica literária é um campo diverso e dinâmico, permitindo que múltiplos olhares incidam sobre um mesmo texto. O que antes era visto como uma simples avaliação objetiva, hoje se torna uma arena de interpretações que variam conforme a perspectiva do crítico. Nesse sentido, a subjetividade tem um papel crucial. Nenhuma análise é completamente neutra, ao carregar as experiências, valores e referências culturais de quem a produz.



Entretanto, essa multiplicidade de abordagens não significa que a crítica literária seja um exercício puramente subjetivo ou arbitrário. A boa crítica deve ser fundamentada, sustentada por métodos e conceitos sólidos. Um crítico bem preparado compreende a importância de contextualizar uma obra, considerar sua construção formal e compreender seus impactos na sociedade.



A crítica literária também exerce uma função educativa. Ela não apenas guia leitores na compreensão de obras complexas, mas também provoca reflexões sobre temas essenciais. Além disso, ao oferecer diferentes perspectivas, a crítica incentiva um debate sadio e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Em um mundo onde a literatura continua sendo uma expressão vital da experiência humana, a crítica literária permanece relevante. Seja apontando falhas, destacando virtudes ou explorando significados ocultos, ela contribui para a literatura ser apreciada em toda a sua complexidade. Assim, a crítica literária não apenas analisa obras, mas também ajuda a construir novos olhares sobre a arte e a sociedade.

RESENHA LITERÁRIA

A Revolução dos Bichos - George Orwelldo

Por J.B Wolf

George Orwell escreveu "A Revolução dos Bichos" como uma fábula política que, sob sua aparente simplicidade, esconde uma crítica feroz ao totalitarismo e à corrupção do poder. Publicado em 1945, o livro usa a alegoria para retratar a ascensão do comunismo na União Soviética e sua degeneração sob Stalin. No entanto, sua mensagem transcende esse contexto histórico, aplicando-se a qualquer regime autoritário que manipula ideais para justificar sua tirania.



A história se passa em uma fazenda onde os animais, liderados pelos porcos, se revoltam contra os humanos, buscando uma sociedade mais justa e igualitária. Inicialmente, eles estabelecem princípios coletivos e organizam sua nova ordem com entusiasmo. Porém, à medida que os líderes assumem mais controle, os valores da revolução são distorcidos. O lema original, "Todos os animais são iguais", é modificado para "Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros", ilustrando como as elites consolidam seu domínio sob falsos pretextos de igualdade.

Orwell emprega uma escrita objetiva e acessível, tomando a obra compreensível tanto para leitores iniciantes quanto para estudiosos da política. A genialidade do

livro reside na maneira como ilustra a degradação do poder sem necessidade de discursos complexos. A narrativa é curta, mas seu impacto é imenso, pois denuncia mecanismos de dominação que se repetem ao longo da história.

Mais do que uma crítica ao stalinismo, "A Revolução dos Bichos" é um alerta universal sobre a fragilidade dos ideais democráticos diante da ganância e da manipulação política. Orwell demonstra como a história pode ser reescrita pelos vencedores, fazendo de sua obra um clássico atemporal e indispensável para a compreensão das estruturas de poder na sociedade.

Grande Autores

Machado de Assis: O Gênio da Ironia e da Alma Humana

POR
The Bard News, Redação

Machado de Assis é, sem dúvida, o maior nome da literatura brasileira e um dos escritores mais brilhantes da língua portuguesa. Sua obra transcende seu tempo, explorando com maestria a complexidade da condição humana, o jogo de aparências da sociedade e as contradições psicológicas que moldam nossos desejos e frustrações. Poucos escritores foram tão hábeis em capturar as nuances da alma humana, expondo, com ironia sutil e perspicácia, as hipocrisias sociais e as fragilidades individuais.

Diferente de seus contemporâneos, que buscavam grandiosidade épica ou sentimentalismo exagerado, Machado inovou ao construir narrativas que se destacam pela introspecção e pela subjetividade. Ele foi um mestre na arte do narrador pouco confiável, desafiando o leitor a interpretar os acontecimentos sem certezas absolutas. Em "Dom Casmurro", por exemplo, ele convida o público a decifrar a mente de Bentinho, um protagonista ciumento e possivelmente paranoico. A célebre dúvida sobre a suposta traição de Capitu não é o centro da obra, mas sim um artifício genial para discutir memória, autoengano e as armadilhas da subjetividade.

Outro exemplo magistral da ousadia literária de Machado está em "Memórias Póstumas de Brás Cubas". Aqui, o autor desconstrói o heroísmo tradicional ao fazer com que seu protagonista narre sua vida já depois de morto. Essa escolha narrativa inusitada permite um olhar cínico e distanciado sobre a sociedade, expondo

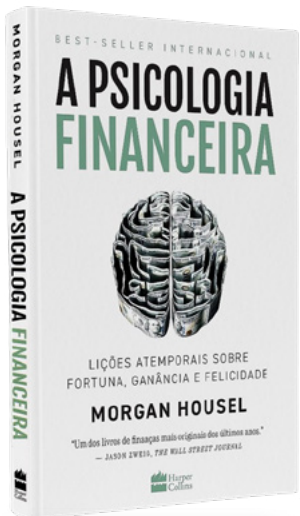
a vaidade, o egoísmo e a futilidade da aristocracia brasileira do século XIX. Brás Cubas não busca redenção, e sua trajetória é marcada por fracassos e ilusões, em uma das mais afiadas críticas à burguesia e à hipocrisia social de seu tempo.

Além de inovador na forma, Machado de Assis foi um crítico social implacável. Sem recorrer a discursos panfletários, ele expôs as contradições da sociedade brasileira, em especial o racismo estrutural e a falsa meritocracia de um país que ainda carregava os resquícios da escravidão. O fato de ele próprio ter sido um homem negro, filho de uma lavadeira e de um operário, e ter ascendido a uma posição de destaque no meio literário da época torna sua trajetória ainda mais admirável. Machado soube criticar essa estrutura com elegância e ironia, frequentemente disfarçando sua visão mordaz em diálogos e situações aparentemente banais.

Outro aspecto fascinante de sua obra é a riqueza psicológica de seus personagens. Ao contrário dos arquétipos rígidos de heróis e vilões comuns no Romantismo, suas figuras são contraditórias e multifacetadas, como na vida real. Não há mocinhos nem vilões absolutos em seus romances, apenas seres humanos movidos por paixões, interesses e ilusões.

A atemporalidade de Machado de Assis se deve justamente a essa compreensão profunda da alma humana. Ele não entrega respostas fáceis, mas obriga o leitor a refletir, duvidar e se questionar. Seu legado literário é incontestável: um espelho da sociedade e da psique humana, provando que a verdadeira genialidade reside na sutileza do olhar e na precisão das palavras.

Indicação de leitura



"Psicologia Financeira transforma a maneira de lidar com dinheiro"

Psicologia Financeira, de Morgan Housel, é um dos livros mais influentes sobre a educação financeira dos últimos anos. Com uma abordagem inovadora, Housel argumenta que o sucesso financeiro está mais relacionado ao comportamento do que à inteligência ou aos cálculos matemáticos.

O autor mostra que grandes decisões financeiras não são tomadas em planilhas, mas no dia a dia, influenciadas por experiências pessoais, emoções e contextos sociais. Ele apresenta histórias reais de investidores que tiveram sucesso ou fracassaram devido à sua mentalidade, enfatizando que administrar dinheiro vai além da racionalidade: envolve disciplina, paciência e autoconsciência.

A obra oferece lições valiosas para quem deseja melhorar sua relação com o dinheiro, investir com sabedoria e alcançar a independência financeira. Com uma leitura acessível e exemplos práticos, Housel transforma a forma como encaramos as finanças, destacando que o objetivo final do dinheiro não é acumular riqueza, mas viver uma vida melhor.



FAZER DOWNLOAD

À POESIA

A Interseção entre Poesia e Música:
Expressões Líricas Contemporâneas

OPINIÃO - A Influência da Cultura Digital na Interseção entre Música e Poesia

VISÃO - A globalização da arte lírica e o rompimento das barreiras culturais.

Por Edna Lessa
COLUNISTA

Professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauense de Letras, colunista da Revista Internacional The Bard

@ednalessa_escritora

Na abordagem poética apresentada na música "O melhor de mim vai acontecer" de Oswaldo Montenegro propõe uma reflexão sobre a relação do homem com o mundo, explorando sua expressão lírica por meio de sentimentos profundos e de uma perspectiva contemporânea.

Uma característica marcante do músico e poeta é o uso de metáforas para traduzir emoções como o amor, a saudade, a tristeza

e alegria, além de captar a complexidade de sentimentos contraditórios que permeiam o sentir. A composição musical termina com uma lembrança carinhosa de um olhar compartilhado, simbolizando a conexão humana e a importância dos momentos significativos na vida. Neste sentido, retrata ainda um olhar sobre como uma libertação pessoal pode ser determinante para a construção de novos recomeços. A mensagem transmite esperança e possibilidades de alcançar novos horizontes.



Este enfoque inicial, é uma demonstração clara de que música e poesia estão diretamente interligadas e numa perspectiva positiva são transmitidas através de uma melodia que é também poesia. A impressão que temos é que música e poesia são como duas faces de uma única arte. Ritmos, melodias, harmonias, métricas e sonoridade se fundem em expressões



IMAGEM GERADA POR IA "usando STABLE DIFFUSION", sob a direção de J.B Wolf, Criada em 04/03/2025"

líricas que são eternizadas pelo tempo e pela cultura que atravessam gerações. E assim, músicos cantam poesias e poetas declamam músicas, ou seja, a música é poetizada e a poesia é musicada.

A linha paralela entre música e poesia tem uma história datada na cultura de povos antigos, cujas composições poéticas líricas eram feitas para serem cantadas e a poesia estava diretamente relacionada ao sentido primitivo da palavra poética, que é o canto. Tal interseção nos faz pensar que é praticamente impossível dissociar música e poesia e expõe

uma relação profunda e antiga remontando às primeiras formas de expressão artística da humanidade. Desde os cânticos das tribos medievais, dos cantos gregorianos às canções de trovadores até as composições contemporâneas a conexão entre as duas artes se manifesta indistintamente de forma inovadora e recebe forte influência de outras experimentações artísticas e de todo contributo da cultura digital.

A ascensão das plataformas digitais dissemina a música e a poesia com a velocidade da luz. Canais de comunicação como Youtube, podcasts e redes sociais diversas, permitem um acesso

globalizado e a criação de experiências imersivas através de espaços poéticos e interativos, unindo ainda mais música e poesia que rompem as barreiras do tempo e se expandem sem limites e com expressividade artística.

Sucintamente, a convergência entre poesia e música evolui concomitante as transformações culturais da atualidade. Ambas se entrelaçam profundamente num cenário dinâmico onde palavras e sons se reinventam conectando emoções e perpetuando memórias por meio de melodias e versos.

Byron: Do Escândalo Inglês
ao Martírio Grego

Explorando a vida, obra e legado de George Gordon Byron, o emblemático poeta do romantismo inglês.

George Gordon Byron, mais conhecido como Lord Byron, nasceu em 22 de janeiro de 1788, em Londres, Inglaterra. Reconhecido como uma das figuras centrais do movimento romântico, sua vida foi marcada por paixões intensas, escândalos e uma busca incessante por liberdade e expressão pessoal. Sua trajetória não apenas influenciou a literatura, mas também deixou uma marca indelével na história política da Grécia.

Byron passou parte de sua infância em Aberdeen, Escócia, enfrentando dificuldades financeiras e emocionais. Nascido com uma deformidade no pé direito, essa condição física contribuiu para um sentimento de isolamento durante sua juventude. Aos dez anos, herdou o título de Barão Byron de Rochdale, após a morte de seu tio-avô. Sua educação incluiu passagem pelo Trinity College, em Cambridge, onde se destacou não apenas por sua inteligência, mas também por seu comportamento excêntrico. Durante esse período, desafiou as regras da universidade ao manter um urso como animal de estimação, uma resposta direta à proibição de cães no campus.

A obra de Byron é emblemática do romantismo, caracterizada por uma exploração profunda das emoções humanas, uma conexão intensa com a natureza e uma crítica à sociedade de sua época. Seu poema narrativo "Childe Harold's Pilgrimage", publicado entre 1812 e 1818, reflete as viagens e reflexões de um jovem desiludido, e

"Lord Byron:
Escândalo,
Paixão e
Morte por
Liberdade"

foi fundamental para consolidar sua fama. Outra obra significativa é "Don Juan", uma sátira que reinterpreta o lendário sedutor, oferecendo uma visão crítica e humorística da sociedade.

Byron também é creditado por popularizar o arquétipo do "herói byroniano" — uma figura melancólica, rebelde e carismática, frequentemente atormentada por um passado sombrio. Esse tipo de personagem é evidente em obras como "Manfred", um drama poético que explora temas de culpa e redenção.

A vida pessoal de Byron foi repleta de controvérsias. Seus numerosos relacionamentos amorosos, incluindo casos com homens e mulheres, desafiaram as normas sociais da época. Rumores sobre um possível relacionamento incestuoso com sua meia-irmã, Augusta Leigh, e seu casamento tumultuado com Annabella Milbanke apenas aumentaram sua reputação de figura escandalosa. Além disso, sua associação

com sociedades secretas revolucionárias na Itália, como os Carbonários, refletia seu compromisso com ideais de liberdade e mudança política.

Em 1823, movido por seu amor pela liberdade e pela cultura clássica, Byron viajou para a Grécia para apoiar a luta do país por independência do Império Otomano. Ele investiu recursos financeiros significativos na causa e participou ativamente dos esforços militares. Infelizmente, adoeceu e faleceu em Missolonghi, em 19 de abril de 1824, aos 36 anos. Sua morte foi profundamente sentida na Grécia, onde é lembrado como um herói nacional até hoje.

O legado de Lord Byron transcende sua poesia. Ele personificou o espírito romântico de rebeldia, paixão e busca por liberdade. Curiosamente, além de seu famoso urso em Cambridge, Byron mantinha uma variedade de animais exóticos como animais de estimação, incluindo macacos, pavões e um crocodilo. Sua vida e obra continuam a inspirar artistas e escritores, consolidando-o como uma das figuras mais emblemáticas da literatura mundial.

Lord Byron permanece uma figura fascinante cuja vida e obra refletem uma busca incessante por liberdade, tanto pessoal quanto política. Seus escritos não apenas moldaram o romantismo, mas também influenciaram movimentos de liberdade além das fronteiras da Inglaterra. Sua memória perdura, celebrada tanto na literatura quanto na história dos povos que lutam por sua independência.



Lord Byron e a Grécia por Arqueologia Newsroom

Entre Versos e Batalhas:
A Lenda de Lord Byron

Lord Byron não foi apenas um poeta. Ele foi um ícone de seu tempo, um espírito inquieto que atravessou fronteiras, desafiou convenções e trocou os salões aristocráticos pelos campos de batalha. Sua vida foi uma sucessão de extremos: fama e exílio, paixão e solidão, versos e armas. Mais do que um romântico sentimental, Byron personificava a rebeldia que tanto exaltava em seus poemas.

Seus versos inflamavam leitores e escandalizavam a sociedade, mas foi longe das páginas de seus livros que ele buscou uma imortalidade diferente. Enquanto seus contemporâneos expressavam a luta pela liberdade no papel, Byron a viveu. Ele não se contentou em apenas escrever sobre heróis errantes; tornou-se um.

Na Itália, envolveu-se em movimentos revolucionários que combatiam o domínio austríaco, financiando rebeldes e conspirando contra o poder vigente. Mas foi na Grécia que seu destino tomou um rumo trágico e glorioso. Byron não era um soldado, mas atravessou o Mediterrâneo para apoiar a causa grega contra o Império Otomano, investindo sua fortuna na

compra de armas e navios. Sua presença era mais do que simbólica: ele organizou tropas, negociou alianças e se tornou um líder respeitado.

A guerra, no entanto, não lhe deu a morte heroica de um guerreiro, mas sim a de um mártir. Antes de entrar em combate, adoeceu gravemente e faleceu em Missolonghi, em 1824. A notícia de sua morte correu a Europa e fez dele um símbolo da luta pela liberdade. Seus restos mortais foram levados de volta à Inglaterra, mas seu coração permaneceu na Grécia, enterrado em solo pelo qual ele tanto lutou.

A lenda de Byron não se encerrou com sua morte. Seus versos continuaram ecoando, suas atitudes inspiraram movimentos revolucionários e sua figura se perpetuou como um exemplo de artista que não se contentou com a ficção. Em Byron, poesia e realidade se confundem. Ele não foi apenas um poeta ou um combatente — foi ambos.

O homem que escreveu sobre heróis atormentados se tornou um. Entre versos e batalhas, Byron fez da própria vida sua maior obra.

EDUCAÇÃO

A importância do educador-leitor na formação de leitores:

EDUCAÇÃO - Profissional que amplia as possibilidades de leitura do mundo e de inserção cidadã.



Por Cleópatra Melo
COLUNISTA

Bacharel em Direito e Filosofia, Licenciada em Letras. Pós-Graduada em Direito Educacional, Autismo, ABA para TEA e Deficiência Intelectual, Teoria da Literatura e Produção Textual. Pós-Graduada em Biblioterapia e Mediação da Leitura Literária. Professora de Literatura e Educador Leitor.

@cleo_fonsecamel

"A leitura desordenada entorpece o espírito, não alimenta; torna-o pouco a pouco incapaz de reflexão e de concentração..."
–A.D. Sertillanges.

Sertillanges é excelente ponto de partida para um trabalho sério no exercício de “apropriar-se e viver a leitura” e não somente cair na armadilha do habito mecânico.

Por vezes noto um certo fetiche no imaginário coletivo com relação ao habito da leitura, algo de charme intelectual e prova de inteligência, penso que isso é consequência de uma “propaganda enganosa” da tal “paixão pela leitura”. É como toda paixão, que é certa ausência de discernimento, perturba, lança confusas correntes e esgotam suas forças. É preciso ler inteligentemente e não apaixonadamente, assim ensina Sertillanges.

Diante dessa necessária preparação para a boa leitura; o que vem a ser o educador-leitor e qual sua importância?

O “educador-leitor” refere-se a um professor ou educador que valoriza e pratica a leitura, tanto pessoalmente quanto ferramenta de ensino, pois ao demonstrar o prazer de ler, inspira



IMAGEM GERADA POR IA "usando STABLE DIFFUSION, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 05/03/2025"

seus alunos a também se tornarem leitores, reconhece a importância da leitura na formação e desenvolvimento dos alunos, utilizando-a para incentivar o aprendizado, promover a reflexão crítica e ampliar o repertório cultural. Portanto, vai além da ideia tradicional de professor que ensina a ler. Trata-se de um profissional que compreende a leitura como prática social e que atua como mediador entre o texto e o sujeito leitor, promovendo experiências significativas de leitura que favorecem a construção de sentidos, o pensamento crítico e a autonomia do indivíduo; valorizando a leitura em diferentes dimensões – estética, crítica, funcional – que contribui para a formação de leitores mais competentes, reflexivos e engajados. Ele é essencial na formação de sujeitos leitores, capazes de dialogar com o mundo por meio da leitura, de interpretar diferentes discursos e de tomar decisões conscientes. Seu trabalho é,

nesse sentido, uma ferramenta transformadora dentro da sociedade.

Para ser um educador-leitor se faz necessário praticar a leitura regularmente, criar ambientes de leitura, utilizar a leitura em suas aulas, estimular o debate, conversar com os alunos sobre seus livros favoritos e as experiências que a leitura proporcionou.

Quando um professor é um leitor e escritor ativo, ele traz uma abordagem viva e crítica da linguagem, sendo capaz de desmascarar ideologias e engajar os alunos em discussões sobre temas relevantes.

Enfim, o educador-leitor é de grande importância na formação de leitores, pois atua como mediador, incentivador e modelo de leitor para aqueles que almejam ler com melhor

interpretação e compreensão.

Através de práticas significativas, esse profissional promove o diálogo com os textos, com a realidade e com os desafios sociais que se apresentam no cotidiano.

Por que formar leitores?

Porque é através da leitura que exercitamos nossa capacidade de compreender diferentes realidades, crenças, opiniões e pessoas com desejos diferentes dos nossos. Logo, formar leitores é crucial para o desenvolvimento pessoal, social e cultural, pois a leitura estimula o raciocínio, amplia o vocabulário, aprimora a capacidade interpretativa e proporciona um conhecimento amplo e diversificado. Além disso, a leitura contribui para o desenvolvimento da criatividade, da

imaginação, da comunicação, do pensamento crítico e da habilidade na escrita.

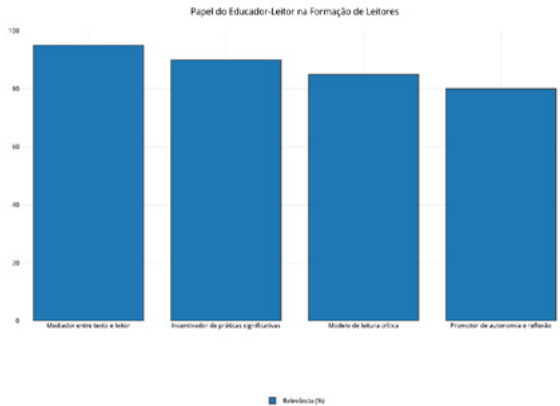
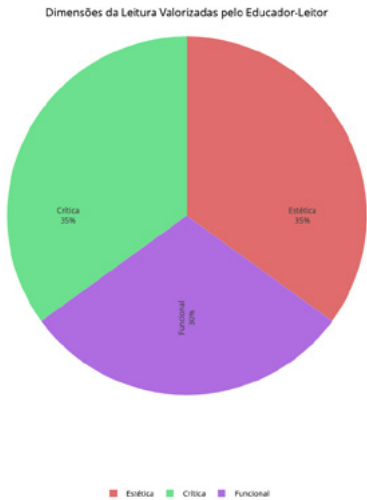
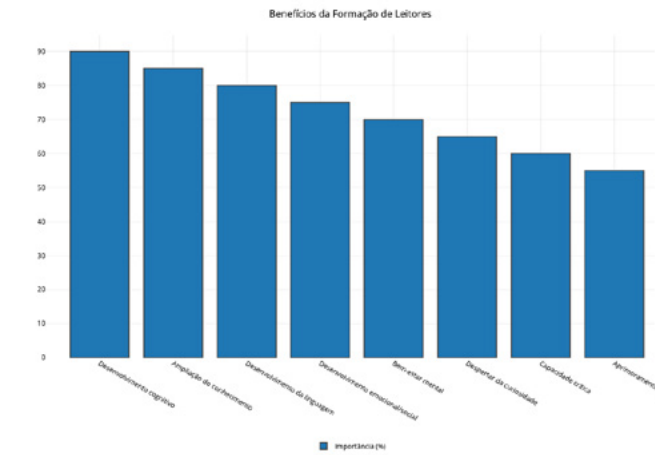
Isso inclui ler com crianças, incentivar a leitura em casa e na escola, proporcionar acesso a livros variados e diferentes tipos de texto, e criar espaços para discussão e reflexão sobre o que foi lido.

No lar os pais podem fazer da leitura um momento de conexão com os filhos, ler para as crianças mesmo antes de saberem ler, oferecer livros que correspondem a faixa etária, ter um cantinho da leitura em casa, criar um clube da leitura das crianças com os avós – esse ato para com o idoso da família é uma forma de ajudar a manter a sua saúde mental – ser exemplo de leitor aos seus filhos. Pais que leem são mais propensos a criar filhos leitores.

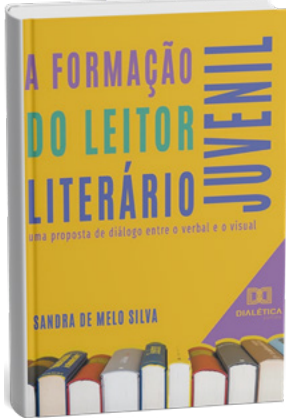
Na escola é fundamental ter uma biblioteca com livros que atendem diferentes interesses e níveis de leitura dos alunos; criar atividades de leitura – leitura em voz alta é maravilhoso – relacionar a leitura com outras áreas, utilizar diferentes formatos de leitura, incentivar a escrita criativa.

A formação de leitores traz grandes benefícios: o desenvolvimento cognitivo, ampliação do conhecimento, desenvolvimento da linguagem, desenvolvimento emocional e social, bem-estar mental, despertar da curiosidade, desenvolvimento da capacidade crítica e aprimoramento da escrita.

A leitura é uma ferramenta para compreender o mundo, analisar problemas e tomar decisões mais conscientes e responsáveis.



Indicação de leitura



"A Formação Do Leitor Literário Juvenil:

Uma Proposta De Diálogo Entre O Verbal e o Visual

Este livro propõe uma reflexão sobre alternativas de conteúdos e procedimentos para a formação do leitor literário juvenil, por meio do diálogo entre o texto verbal e o visual. O objetivo de tal proposta é contribuir para uma interação dos estudantes diante da leitura literária e do texto não verbal. Para viabilizar a proposta, optamos por textos que dialogam entre si, um conto e um curta-metragem. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docentes, têm mostrado que esta formação é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos.

Indicação de leitura



"Literatura Juvenil:

Adolescência, cultura e formação de leitores

Esse livro se propõe a lançar um olhar as atuais praticas de leitura e as publicações literárias voltadas aos jovens, além de iniciar um debate sobre o que e ser adolescente hoje, definir o que e um bom livro juvenil e, ainda, trazer sugestões de atividades e leituras complementares.

EDUCAÇÃO & SOCIEDADE

“A disciplina e a autoridade em sala de aula: práticas inovadoras que restauram o respeito e elevam os índices de sucesso educacional, transformando o futuro dos estudantes.”

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

EDUCAÇÃO & SOCIEDADE - A Força Transformadora da Disciplina e da Autoridade em Sala de Aula.

VISÃO - Como práticas equilibradas entre autoridade e diálogo promovem um ambiente escolar seguro e potencializam o sucesso educacional

Ordem na Sala: A Transformação Silenciosa na Educação Brasileira

A educação no Brasil passa por momentos de grandes desafios. A indisciplina em crescimento, o desrespeito na sala de aula e o desinteresse de alunos afetam não só o aprendizado, mas também o bem-estar mental e o entusiasmo dos professores. Nesse contexto, uma abordagem inicialmente focada em disciplina estruturada e diálogo está surgindo como uma resposta eficaz a essa situação de crise de disciplina, trazendo uma nova luz de esperança para o mundo das escolas.



Pesquisa feita em 2023 por parte do Ministério da Educação mostra números animadores: instituições de ensino que sabem conciliar uma estratificação clara com empatia têm uma melhoria de 20% nos resultados acadêmicos e uma diminuição de 30% nos problemas de disciplina. Os números demonstram que ao combinar a autoridade e a empatia é possível criar uma educação humana e eficiente.

Novo Olhar Sobre a Disciplina

Por longa data, a disciplina foi concebida como sinônimo de punição e controle estrito. Tal concepção, embasada em práticas ultrapassadas, está sendo substituída por uma nova abordagem: a disciplina como fundamento do aprendizado, respeito mútuo e desenvolvimento pessoal.

“Disciplina também não é repressão; é organização generosa e que gera segurança e propicia ao aprendizado”, declara João A. de Souza, coordenador pedagógico do Instituto Federal de Educação do Rio de Janeiro. Segundo ele, a disciplina bem exercida não estrangula, mas deixa os alunos seguros para experimentar, errar e aprender.

Essa mudança de olhar torna a sala de aula em um espaço de desenvolvimento total. A estrutura não está presente para fixar fronteiras arbitrárias, mas para dar passagem à criatividade, ao respeito mútuo e à convivência pacífica.

A Autoridade Consciente: Entre Firmeza e Empatia

No centro desse desenvolvimento está o modelo de autoridade consciente. Contrastando com o autoritarismo, em que há regras impostas sem espaço para a negociação, e a permissividade, em que não há limite algum, a autoridade consciente busca o médio-termo. A autoridade consciente define regras claras a partir de diálogo e empatia e respeito mútuo.

Maria Estela, psicopedagoga da USP, explica: “A comunicação aberta constrói um ambiente de confiança. Nessa dinâmica, os desafios são enfrentados coletivamente, e os erros se tornam oportunidades de aprendizado.” Essa abordagem humaniza o papel do professor, criando uma conexão mais profunda com os alunos e promovendo um ambiente escolar acolhedor.

Os jovens de hoje, mais conectados e com expectativas diferentes, exigem essa nova postura dos educadores. O professor deixa de ser apenas uma figura de autoridade e passa a ser um mediador, equilibrando firmeza e sensibilidade para garantir que todos se sintam ouvidos e respeitados.

Resultados Que Transformam

Os benefícios desse enfoque são amplos e óbvios. Os dados obtidos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) registraram que 72% das escolas que já institucionalizaram programas de autorregulação relataram melhoria acentuada na performance acadêmica e relações interpessoais.

Nos espaços em que a autoridade de forma consciente é exercida, os alunos se sentem seguros, respeitados e valorizados. Essa segurança gera o seguinte círculo virtuoso: estudantes comprometidos trabalham mais arduamente, aprendem melhor e se conduzem de uma forma cooperativa.

O Desafio da Transformação

Embora os resultados sejam promissores, tornar a prática de disciplinas e diálogos uma cuidadosa medida de balança não é feito fácil. Professores têm de superar a oposição dos



IMAGEM GERADA POR IA “usando STABLE DIFFUSION, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/05/2025”

gestores, das famílias e também dos próprios alunos, os quais geralmente entendem mudanças como fraqueza.

Além disso, também há o desafio de formação docente. Mediar conflitos, ouvir ativamente e favorecer a autorregulação são competências que nem sempre são desenvolvidas na formação inicial dos professores. Investir na capacitação contínua e disponibilizar espaços para compartilhar experiências entre educadores são processos necessários à superação dessas barreiras.

Quando utilizadas de maneira persistente, essas práticas se estendem além das salas de aula e influenciam positivamente a relação escola-comunidade, fomentando uma cultura de colaboração e solidariedade.

O Papel dos Gestores Escolares

O papel dos gestores é essencial nesse processo de mudança. É de responsabilidade deles instituir políticas, estimular a formação dos professores e desenvolver o clima de trabalho adequado à inovação educacional.

Maria Clara Mendes, diretora de uma escola municipal em São Paulo, destaca: “Quando os

gestores apoiam os professores e promovem uma cultura de diálogo, os resultados aparecem. O impacto é sentido por toda a comunidade escolar.”

Gestores comprometidos em trabalhar o desenvolvimento de suas equipes e com uma abordagem aberta à mudança são aqueles que ajudam a consolidar a autoridade consciente como uma prática diária e não uma norma ocasional.

Ética Como Base

Uma questão legítima ao implementar práticas de disciplina estruturada é assegurar que sejam utilizadas eticamente. O equilíbrio entre fronteiras e liberdade deve respeitar a individualidade dos estudantes, valorizando suas vozes dentro do processo educativo.

“A ética está no centro de tudo”, destaca João A. de Souza. Ele ressalta que a autoridade eficaz não é imposição. “Ela é a criação de uma atmosfera em que são bem definidas as expectativas e em que são instigados a cooperar e a se desenvolver todos.”

O Futuro da Educação Brasileira

Enquanto o debate sobre disciplina e autoridade avança, uma coisa é certa: a educação brasileira está transformando. Escolas integrando firmeza e empatia mostram que é possível projetar ambientes seguros, respeitosos e motivadores para o aprendizado.

Essa mudança não é uma tendência; é uma necessidade para abordar os desafios de uma realidade cada vez mais complexa. O futuro da educação precisa decorrer de acordo com a capacidade de conciliar tradição e inovação, autoridade e liberdade, disciplina e diálogo.

Acima de tudo, o ensino é um ato de esperança. É acreditar que com a aprendizagem certa se faz possível a criação de um futuro em que o respeito e o conhecimento andam de mãos dadas, formando não só bons alunos, mas cidadãos cientes e aptos aos desafios da vida.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



Editora Valleti Books

PUBLIQUE SEU LIVRO COM QUALIDADE E ECONOMIA! A MELHOR OPÇÃO PARA REALIZAR SEU SONHO. PACOTE PROMOCIONAL

- 100 livros em preto e branco
- Até 120 páginas
- Formato 14,8 x 21 cm
- Capa colorida com orelha de 7 cm
- Prova do livro gratuito

- Mockups
- Divulgação + Vídeo Lançamento
- R\$ 2.100,00 - Entrada de R\$ 600,00
- + 3x de R\$ 500,00 no cartão
- Válido até 12/2025

GARANTA SUA PUBLICAÇÃO AGORA!

Seu livro merece ser publicado com qualidade e visibilidade! Na **Valleti Books**, oferecemos tudo o que você precisa para lançar sua obra dos sonhos: prova gratuita, mockups profissionais, divulgação e até um vídeo de lançamento! Tudo isso por apenas **R\$ 2.100**. Entre em contato pelo Instagram **@valletibooks** ou acesse **valletibooks.com.br** **Mas atenção:** promoção válida até dezembro de 2025! **Não perca essa oportunidade única.**

HISTÓRIA

O legado histórico das desigualdades de gênero



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinso básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profrenatamunhoz



IMAGEM GERADA POR IA "usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/03/2025"

No mês das mulheres (março), nada mais importante do que lembrar a questão da desigualdade de gênero. Infelizmente, essa é uma herança histórica enraizada no passado de um Brasil colonizado por valores patriarcais. As ideologias da monarquia e do catolicismo desenharam nossa trajetória de formação cultural e definiram padrões de pensamentos que repercutem em nossos dias atuais.

Por mais que tomemos consciência por meio do desenvolvimento intelectual e tecnológico, ainda persiste a herança histórica, marcada pela subjugação feminina e pela divisão de papéis sociais. Essa manifestação perdura em diversas esferas da sociedade contemporânea como um desafio complexo e multifacetado quanto velado. Isso porque, aparentemente aos olhos de muitos, assim como no Brasil já não há preconceito racial, também já existe a equidade entre os gêneros.



Catolicismo e a trajetória de formação cultural

IMAGEM GERADA POR IA

"usando DALLE 3, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 16/03/2025"

Em termos históricos, o autor Gilberto Freyre evidenciou a construção social da diferença entre homens e mulheres como algo "característico do regime patriarcal", pois nessa linha de pensamento, seria natural "o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo." (FREYRE, 2002, p. 805).

A atribuição dessas características opostas aos gêneros define a dicotomia que contribui para justificar a dominação masculina e a exclusão feminina dos espaços públicos.

Em acréscimo, a historiadora contemporânea Mary Del Priore destaca a centralidade do corpo feminino na história da mulher no período colonial com a manutenção da ordem pela subjugação do trabalho ao "manter o povo

gemendo e produzindo e as mulheres gemendo, produzindo e reproduzindo..." (PRIORE, 1993, p. 333). A subjugação centralizava-se no preceito de que o homem "possuísse" a mulher e tivesse, portanto, o corpo feminino como uma propriedade sua. Sendo assim, natural seria que à mulher coubesse apenas o papel social de reprodutora e de dona de casa. Isso indica que extrapolar a posição de esposa e mãe, com qualquer outra atuação profissional, não foi opção a muitas de nossas antepassadas.

No contexto atual, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Continua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2024, 51,2% da população brasileira são mulheres. Apesar de superarem os homens em termos numéricos, as mulheres permanecem enfrentando problemas

no mercado de trabalho, ocupando menos cargos de liderança, sofrendo disparidades salariais e até mesmo assédios moral e sexual. Quanto à diferença salarial, o Brasil fica em 117º lugar, no ranking do Global Gender Report, entre um total de 146 países. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, as mulheres recebem apenas cerca de 77,7% da renda dos homens.

Na política, a representação feminina é ínfima, com ataques a candidatas mulheres e a consequente ocupação de menos cadeiras no Congresso Nacional e em outros cargos políticos. Prova disso é que apenas 17,7% das cadeiras na Câmara dos Deputados e 12,3% no Senado Federal, o que fragiliza a defesa dos seus direitos das mulheres e limita o poder de decisão em termos sociais.

É certo que há avanços recentes em prol das mulheres. Apesar das tantas evoluções sociais, a dicotomia dos gêneros explicita-se no conceito de "misoginia", entendido como ódio, aversão ou preconceito contra mulheres ou meninas meramente por seu gênero. Esse conceito manifesta-se em comportamentos que variam desde atitudes sutis e naturalizadas até atos de violência deliberada e explícita como a violência doméstica e o feminicídio.

Este texto intenciona apenas pontuar que a desigualdade de gênero permanece como um problema estrutural para o qual se buscam paliativos. Para tanto, não é possível deixar de citar a importância de ações como a Lei Maria da Penha e a atuação local das Delegacias da Mulher, que diariamente recebem denúncias de violência contra a mulher. Tamanho é o problema que a ligação ao número telefônico 180 recebeu 1.558 ligações por dia no ano de 2023.

Oxalá nossos desafios possam ser superados rumo à promoção da igualdade de oportunidades e o respeito aos direitos das mulheres por meio de ações contínuas e coordenadas em diversas áreas, especialmente da educação e da divulgação da cultura de qualidade, a exemplo do que se faz neste jornal!

O Código das Catedrais:
Os Segredos Simbólicos da Arquitetura Gótica

Uma viagem por significados ocultos, símbolos e mensagens esculpidas em pedra por gerações.

HISTÓRIA - Leia e faça seu comentario

Por J.B Wolf

No coração da Europa medieval, ergueram-se estruturas que parecem desafiantes para o tempo e a compreensão humana: as catedrais góticas. Com suas torres imponentes, vitrais que capturam a luz divina e detalhes minuciosamente esculpidos, essas obras são muito mais do que templos religiosos. Elas são livros de pedra, repletos de mensagens simbólicas que falam de fé, poder, sabedoria e mistérios que ainda fascinam estudiosos e visitantes.

Arquitetura como linguagem divina

O estilo gótico surgiu no século XII, na França, e rapidamente se espalhou por toda a Europa. Sua marca registrada são os arcos ogivais, as abóbadas de nervuras e os contrafortes externos, que não eram apenas soluções estruturais, mas também carregavam significados espirituais.

A elevação vertical das catedrais góticas, com suas torres que pareciam tocar o céu, era uma representação física da busca pela divindade. Cada elemento arquitetônico tinha um propósito simbólico. As linhas que convergiam para o alto representavam a ascensão da alma humana rumo ao divino. As abóbadas, com seus padrões geométricos intrincados, simbolizavam a ordem celestial.

"Cada catedral é uma Bíblia em pedra", dizia um arquiteto francês do século XIX. E ele estava certo: para uma sociedade predominantemente analfabeta, essas estruturas eram ferramentas

pedagógicas. As esculturas, vitrais e relevos ilustravam passagens bíblicas e ensinavam sobre os pecados, as virtudes e a redenção.

Vitrais: luz divina em cores

Os vitrais, com suas paletas vibrantes, eram mais do que elementos decorativos. Eles transformavam a luz natural em uma experiência mística. A luz que atravessava essas janelas simbolizava a presença de Deus, banhando o interior das catedrais com uma atmosfera divina.

Cada cor tinha um significado. O azul, frequentemente associado à Virgem Maria, representava a pureza e a verdade. O vermelho, cor do sangue de Cristo, evocava sacrifício e paixão. Essas narrativas cromáticas, combinadas com as cenas ilustradas nos vitrais, guiavam os fiéis em sua compreensão do sagrado.

Um exemplo notável é a catedral de Chartres, na França, cujos vitrais são considerados os mais preservados do período gótico. Entre eles, destaca-se a famosa "Janela da Virgem Azul", que retrata a vida de Maria com detalhes que capturam a complexidade do simbolismo cristão medieval.

Gárgulas e grotescos:
guardiões ou enigmas?

As gárgulas, talvez as figuras mais intrigantes da arquitetura gótica, serviam a um propósito prático e simbólico. Funcionalmente, eram calhas esculpidas para desviar a água da chuva, protegendo as paredes da erosão. Mas seu design, frequentemente grotesco e aterrador, gerou debates ao longo dos séculos.

Alguns estudiosos acreditam que as gárgulas representavam demônios e espíritos malignos, colocados no exterior das catedrais para afastar o mal. Outros interpretam essas figuras como lembretes dos perigos do pecado, posicionados estrategicamente para lembrar os fiéis do que aguardava aqueles que se desviavam do caminho da virtude.



O grotesco também tinha uma dimensão humorística. Em algumas catedrais, como a de Notre-Dame de Paris, é possível encontrar figuras que parecem zombar do comportamento humano, uma espécie de crítica social esculpida em pedra.

Geometria sagrada e o número divino

Por trás das paredes maciças e dos ornamentos detalhados das catedrais góticas, existe uma matemática divina. A geometria desempenhou um papel essencial na concepção dessas estruturas. Proporções baseadas no número áureo – considerado perfeito e harmonioso – foram amplamente utilizadas, refletindo a crença medieval de que a matemática era uma linguagem criada por Deus para ordenar o universo.

A planta de muitas catedrais segue um formato cruciforme, representando a cruz de Cristo. A disposição das torres, corredores e naves muitas vezes alinha-se com eventos astronômicos, como o equinócio de primavera,

reforçando a conexão entre a Terra e o céu.

Um exemplo impressionante é a catedral de Amiens, na França. Sua nave principal tem proporções que seguem rigorosamente o número áureo, criando uma sensação de harmonia e perfeição que impressiona até mesmo os arquitetos contemporâneos.

Mistérios e mensagens ocultas

Muitos acreditam que as catedrais góticas contêm mensagens codificadas, inseridas por seus construtores, os pedreiros medievais conhecidos como maçons. Antes de se tornarem objeto de teorias conspiratórias modernas, essas guildas eram organizações respeitadas, guardiãs de conhecimentos técnicos e espirituais.

Os símbolos maçônicos, como o compasso e o esquadro, aparecem em esculturas e decorações de algumas catedrais. Essas marcas podem ser interpretadas como assinaturas dos mestres construtores, mas também sugerem uma visão espiritual que transcendia o cristianismo ortodoxo da época.

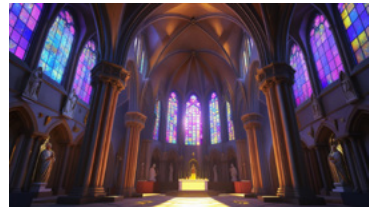
Outro mistério é a escolha de locais para a construção das catedrais. Muitas foram erguidas sobre antigos sítios pagãos, o que levanta questões sobre a continuidade espiritual entre as culturas pré-cristãs e o cristianismo medieval.

Legado atemporal

Séculos depois de sua construção, as catedrais góticas continuam a fascinar. Elas são testemunhos da engenhosidade humana, expressões de fé e manifestações de uma busca incessante por compreender o divino.

Cada visitante que passa sob seus portais ornamentados, que olha para o céu através de seus vitrais coloridos ou que estuda os detalhes de suas esculturas, encontra algo único: uma história contada em pedra e luz.

As catedrais góticas permanecem não apenas como monumentos do passado, mas como mensagens vivas, convidando-nos a decifrar os segredos que guardam. Elas nos lembram que, na interseção entre arte, ciência e espiritualidade, encontramos um reflexo do que há de mais profundo no espírito humano.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

CURIOSIDADES



Cartas, Poções e Venenos: A História Secreta das Mulheres na Corte Europeia

POR
The Bard News, Redação

Quando pensamos nas cortes europeias, logo imaginamos reis poderosos, batalhas por territórios e alianças políticas. Mas, por trás dos tronos, havia uma força silenciosa — e extremamente estratégica: as mulheres.

Embora muitas vezes relegadas ao segundo plano nos registros oficiais, elas estavam longe de serem meras coadjuvantes. Com inteligência, charme e, às vezes, métodos nada convencionais, essas mulheres influenciaram os rumos da história de maneira surpreendente.

Cartas secretas, poções misteriosas, venenos letais. Eram essas as armas de um jogo silencioso, mas altamente eficaz.

As cartas, por exemplo, eram mais do que simples mensagens. Em uma época sem telefone, e muito menos internet, escrever era uma arte — e uma ferramenta de poder. Através de palavras bem escolhidas, elas teciam redes de influência, negociavam alianças e tramavam conspirações que poderiam mudar o destino de um reino.

Muitas dessas cartas vinham recheadas de códigos e mensagens cifradas. A ideia? Que ninguém, além do destinatário, soubesse do que se tratava. Catarina de Médici dominava esse jogo como ninguém. Com sua habilidade de manipular os bastidores políticos da França, ela fez das palavras suas principais aliadas.

Mas nem só de papel e tinta vivia a influência feminina nas cortes.

Havia também o conhecimento ancestral — passado de mãe para filha — sobre ervas, raízes

e infusões. Poções que podiam curar, seduzir ou incapacitar. Um saber poderoso, guardado a sete chaves, que dava a essas mulheres um tipo de controle invisível... e muito eficiente. E então, temos o elemento mais sombrio dessa história: o veneno.

Num ambiente onde traições e disputas de poder eram rotina, o veneno se destacava por sua discricão. Bastava uma dose na taça certa e pronto: um obstáculo político a menos.

Lucrécia Bórgia virou lenda nesse aspecto. Verdade ou exagero, o fato é que seu nome até hoje carrega a aura do mistério, da manipulação e do medo. Um reflexo da imagem que se fazia — e ainda se faz — do poder feminino: algo sutil, mas perigosamente eficaz.

Mesmo com todas as limitações impostas pela sociedade da época, as mulheres da corte souberam encontrar brechas. Atuaram como conselheiras, diplomatas informais, estrategistas. Por meio de casamentos bem calculados, alianças políticas e um jogo de cintura admirável, moldaram decisões, influenciaram reis e ajudaram a desenhar o mapa da Europa.

“As cartas, por exemplo, eram mais do que simples mensagens. Em uma época sem telefone, e muito menos internet, escrever era uma arte — e uma ferramenta de poder.”

Elizabeth I é um exemplo clássico. Usou sua posição com maestria para consolidar o poder da Inglaterra e ampliar sua influência. Uma mulher

só, enfrentando um mundo de homens — e vencendo o jogo.

Além do poder político, muitas dessas mulheres também foram mecenas das artes e das ciências. Patrocinaram artistas, introduziram novas modas, lançaram tendências. Deixaram sua marca na cultura, na estética e no imaginário europeu.

Hoje, o legado delas ainda pulsa — nos livros de história, nas séries, nos filmes. São histórias de astúcia, coragem e resistência. De mulheres que, mesmo nas sombras, brilharam.

E nos lembram que, às vezes, o poder mais impactante é aquele que não se vê de imediato. Mas que transforma tudo por onde passa.

Muito além dos salões:
poder nas sombras da corte



Por trás dos tronos e dos salões iluminados, mulheres discretas moviam as engrenagens do poder com inteligência, estratégia e ousadia. Na Europa das intrigas palacianas, elas dominavam a arte da escrita cifrada, usando cartas codificadas para tramar alianças, proteger segredos e derrubar inimigos.

Muitas se dedicavam à alquimia, explorando os mistérios da transformação da matéria em busca de poder e conhecimento — um saber que antecipava a ciência moderna. Outras atuavam como conselheiras influentes, tecendo acordos políticos, manipulando decisões e garantindo a ascensão de suas famílias em meio a jogos de interesses e rivalidades.

Essas mulheres também conheciam o poder das ervas: preparavam remédios, sedativos e, em alguns casos, venenos sutis — armas silenciosas em tempos de traições constantes. Eram espãs, patronas das artes, estudiosas e, muitas vezes, praticantes de rituais místicos que refletiam a fusão entre fé, superstição e sobrevivência.

Muito além do papel decorativo que a história oficial costuma lhes atribuir, essas figuras femininas moldaram culturas, influenciaram governos e deixaram marcas profundas nas decisões que definiram o destino de nações.

Foram estrategistas silenciosas — e poderosas — que escreveram, nos bastidores, capítulos fundamentais da história europeia.



IMAGEM GERADA POR IA “usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 19/03/2025”

A Invenção que deu voz ao Mundo: Como a Prensa de Gutenberg Transformou a História

O nascimento da imprensa desencadeou uma revolução cultural, unindo conhecimento, inovação e transformação social.

POR
The Bard News, Redação



No século XV, uma revolução silenciosa, mas profunda, começou em um modesto ateliê em Mainz, na Alemanha. Johannes Gutenberg, um habilidoso ourives e visionário, criou uma tecnologia que alteraria para sempre a disseminação do conhecimento: a imprensa de tipos móveis. Essa única invenção gerou um efeito cascata através das culturas, moldando o Renascimento, impulsionando a Reforma e lançando as bases para a era moderna da informação.

Antes de Gutenberg, os livros eram copiados manualmente, muitas vezes por escribas monásticos. Esse processo trabalhoso tornava os livros escassos, caros e geralmente reservados para a elite — nobres, clérigos e ricos comerciantes. O conhecimento era um privilégio guardado, um luxo inacessível para a maioria. A inovação de Gutenberg rompeu esse monopólio, democratizando a informação e dando origem a uma sociedade mais alfabetizada e informada.

Revolucionando a Palavra Escrita

O gênio de Gutenberg estava na sua capacidade de adaptar e combinar tecnologias existentes. Os tipos móveis já haviam sido usados na China séculos antes, mas Gutenberg os refinou ao

desenvolver tipos metálicos reutilizáveis feitos de uma liga durável. Isso foi complementado por uma nova tinta à base de óleo, que aderiu melhor ao papel, e uma prensa mecânica inspirada nas usadas na produção de vinho. Juntas, essas inovações criaram um sistema eficiente, durável e escalável.

O primeiro grande trabalho a emergir da prensa de Gutenberg foi a Bíblia de 42 linhas, frequentemente chamada de Bíblia de Gutenberg, concluída por volta de 1455. Essa obra-prima foi tanto um triunfo tecnológico quanto artístico. Cada página apresentava colunas de texto uniformes, impressas com clareza notável, e frequentemente era decorada com ilustrações pintadas à mão, unindo o velho mundo da iluminação de manuscritos com o novo mundo da produção em massa.

Impulsionando o Renascimento

A prensa surgiu em um momento crucial da história. A Europa já passava por um renascimento cultural, com estudiosos, inspirados pela redescoberta de textos clássicos, começando a questionar crenças antigas. O Renascimento celebrava o potencial humano, a criatividade e a busca pelo conhecimento — valores que a imprensa amplificou exponencialmente.

Antes da prensa, compartilhar novas ideias era um processo lento e localizado. Agora, os textos podiam ser reproduzidos rapidamente e distribuídos por vastas distâncias. Pensadores como Erasmo, Copérnico e Maquiavel viram suas obras alcançarem públicos muito além de seus círculos imediatos, provocando debates que moldariam disciplinas da ciência à política. A prensa não apenas disseminou conhecimento; ela acelerou sua evolução.

Um dos exemplos mais marcantes disso foi a publicação de mapas e textos geográficos, que impulsionaram a Era das Grandes Navegações. A tecnologia de Gutenberg permitiu a disseminação dos mapas de Ptolomeu e, mais tarde, cartografias atualizadas, armando exploradores com conhecimentos vitais que abriram caminho para a navegação global.



A Imprensa e a Reforma Protestante

Talvez nenhum evento ilustre melhor o poder transformador da imprensa do que a Reforma Protestante. Em 1517, Martinho Lutero pregou suas 95 Teses na porta de uma igreja em Wittenberg — um ato ousado, mas localizado, de dissidência. No entanto, foi a imprensa que transformou esse momento em um movimento.

As Teses de Lutero foram rapidamente reproduzidas e distribuídas por toda a Europa, desencadeando discussões generalizadas sobre o papel da Igreja, a interpretação das escrituras e a natureza da fé. Pela primeira vez, pessoas comuns puderam acessar textos religiosos em suas línguas nativas, minando o monopólio da Igreja sobre a interpretação bíblica. Essa democratização do conhecimento religioso alimentou não apenas debates teológicos, mas também mudanças políticas e sociais.

O papel da imprensa na Reforma destaca sua natureza dual como ferramenta de libertação e conflito. Enquanto empoderava vozes como a de Lutero, também espalhava propaganda e inflamava divisões sectárias, mostrando que o controle da informação é tanto um poder quanto uma responsabilidade.

Criando uma Esfera Pública

Além de seus impactos imediatos na religião e nas artes, a imprensa fomentou o surgimento de uma esfera pública. Com livros, panfletos e, eventualmente, jornais mais acessíveis, as taxas de alfabetização começaram a subir. Pela primeira vez, cidadãos comuns puderam interagir com ideias, formando opiniões e participando de conversas culturais mais amplas.

O advento dos jornais no século XVII — como o Relation, frequentemente considerado o primeiro jornal moderno — exemplifica ainda mais isso. Notícias e comentários impressos regularmente conectavam comunidades, reduziam distâncias e lançavam as bases para o discurso democrático. A mídia de massa de hoje, desde impressos até plataformas digitais, deve sua existência à revolucionária prensa de Gutenberg.

Ramificações Culturais e Sociais

A imprensa não apenas remodelou a vida intelectual; ela influenciou a cultura cotidiana. O aumento dos livros impressos tornou a alfabetização uma habilidade valiosa, incentivando governos e instituições a priorizarem a educação. Com o tempo, essa mudança levou à criação de escolas públicas e bibliotecas, promovendo uma cultura de aprendizado ao longo da vida.

Entretanto, a imprensa também enfrentou desafios. A rápida disseminação de informações significava que desinformações e sensacionalismo podiam viajar tão rapidamente quanto a verdade. Os primeiros panfletos impressos frequentemente traziam afirmações exageradas ou falsas, antecipando os fenômenos de “fake news” dos dias atuais. Isso destaca a necessidade perene de pensamento crítico e alfabetização midiática em uma era de abundância de informações.

De Gutenberg ao Google

A invenção de Gutenberg marcou o início de uma jornada que continua hoje. A prensa foi a precursora das tecnologias modernas de comunicação, do telégrafo à internet. Cada inovação se baseia em seu legado, expandindo a capacidade da humanidade de compartilhar conhecimento e se conectar além das fronteiras.

Os paralelos entre a era de Gutenberg e a era digital atual são impressionantes. Assim como a prensa desafiou as hierarquias medievais do conhecimento, a internet questiona os guardiões contemporâneos da informação. Ambas as eras lidam com questões de acesso, autenticidade e uso ético da tecnologia. No entanto, a lição central permanece: o conhecimento é poder, e sua disseminação molda o curso da história.

Um Legado Gravado em Impressão

Johannes Gutenberg pode não ter vivido para ver o impacto completo de sua invenção, mas seu legado é inegável. Ao tornar o conhecimento acessível a todos, ele lançou as bases para revoluções na ciência, arte, política e sociedade. A prensa deu voz à humanidade e, ao fazê-lo, transformou o mundo.

Enquanto navegamos por nossa própria era de rápidas mudanças tecnológicas, a história de Gutenberg nos lembra do poder duradouro da inovação para conectar, inspirar e capacitar. Sua invenção foi mais do que uma máquina; foi uma chave que desbloqueou o potencial coletivo da humanidade, mudando para sempre a forma como compartilhamos, aprendemos e sonhamos.

HISTÓRIA & CURIOSIDADES

Heroínas Ocultas: As Mulheres que Moldaram a História



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano



As mulheres sempre estiveram lá! Foram elas que desafiaram impérios, que revolucionaram a ciência, que pintaram o mundo com cores de ousadia. Hipátia brilhou na Alexandria antiga, decifrando os mistérios do cosmos antes que a intolerância a reduzisse ao silêncio. Ada Lovelace concebeu os primeiros passos da computação,

séculos antes de reconhecermos seu gênio. Rosalind Franklin capturou a estrutura da vida em uma fotografia, enquanto outros homens levavam o crédito pelo DNA.

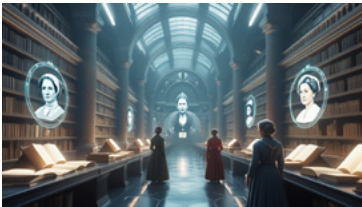
O apagamento histórico não foi seletivo apenas no gênero. Foi também racial! Quantas mulheres negras moldaram o mundo e foram empurradas para os porões da história? Harriet Tubman libertou centenas de escravizados, desafiando um sistema que a via apenas como propriedade. Sua coragem foi tão grande que até mesmo o governo dos Estados Unidos a temia! E o que dizer de Katherine Johnson, a matemática negra que traçou os cálculos que permitiram a chegada do homem à Lua,

enquanto mal podia usar os mesmos banheiros que seus colegas brancos na NASA?

E se falamos de escrita, quantas vozes femininas tiveram suas palavras arrancadas das páginas da memória? Mary Shelley, que deu vida à literatura de ficção científica, teve que lutar para que seu Frankenstein fosse reconhecido como seu. Clarice Lispector esculpiu a alma humana em palavras, mas só foi plenamente valorizada após sua morte. E Carolina Maria de Jesus? Negra, pobre, favelada, transformou a dor em literatura, mostrando ao Brasil o abismo de desigualdade que muitos fingiam não ver!

Quantas vezes a história tentou apagar suas

pegadas, como se o mundo pudesse girar sem o pulso firme das mulheres? Quantas foram silenciadas, reduzidas a notas de rodapé, a sombras em biografias alheias? Marie Curie precisou ganhar dois prêmios Nobel para que ao menos um fosse lembrado! Bertha Lutz esteve na linha de frente da luta pelo voto feminino no Brasil, enquanto seu nome desaparecia dos livros didáticos!



O apagamento não é acidental. Não é distração. É um projeto sistemático que tenta empurrar as mulheres para os bastidores da história, enquanto os holofotes iluminam apenas os rostos que o patriarcado escolhe! A cada mulher esquecida, perdemos um exemplo, um espelho, uma faísca que poderia incendiar novas revoluções.

Hoje, quando olhamos para trás, não buscamos reconhecimento por vaidade, mas por justiça! Porque cada mulher que foi apagada leva consigo o brilho de muitas outras que poderiam ter sido inspiradas. A história nos deve nomes, nos deve memória, nos deve verdade!

Que fique bem claro: não pedimos permissão para existir nas páginas do futuro. Escrevemos nossa própria história. E desta vez, ninguém poderá apagá-la!



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



A história, essa narrativa tantas vezes escrita por mãos masculinas, tenta nos convencer de que o progresso nasceu do esforço de alguns poucos nomes. Mas se lermos as entrelinhas, se ouvirmos os sussurros esquecidos nos livros empoeirados, veremos que foram mãos femininas que teceram os fios que sustentam a humanidade!



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/03/2025"

Quando o Café Era Proibido: As Guerras Invisíveis por Trás da Bebida Mais Amada do Mundo

A trajetória do café, de bebida subversiva a símbolo global de conexão e inspiração.

HISTÓRIA - Leia e faça seu comentario

Por J.B Wolf



Hoje, o aroma de café é um convite à conversa, ao trabalho, ou a um momento de contemplação. Difícil imaginar que a bebida mais amada do mundo já foi temida, banida e considerada perigosa. A história do café é repleta de intrigas, conspirações e revoluções — uma saga que envolve reis, clérigos e revolucionários.

O início de uma lenda amarga

O café tem suas origens nas montanhas da Etiópia, onde, segundo a lenda, um pastor chamado Kaldi percebeu que suas cabras ficavam mais enérgicas ao comer frutos vermelhos de um arbusto peculiar. Intrigado, Kaldi experimentou os frutos e sentiu o mesmo vigor. Assim começou a relação da humanidade com o café.

A partir da Etiópia, o café se espalhou pelo mundo árabe, onde foi cultivado e preparado em uma forma semelhante ao que conhecemos hoje. No século XV, casas de café, conhecidas como qahveh khaneh, começaram a surgir em cidades como Meca, promovendo debates, música e jogos. Essas casas rapidamente se tornaram o centro da vida social e intelectual.



Mas essa popularidade não foi bem recebida por todos. O café, com seu efeito estimulante e sua capacidade de reunir pessoas, era visto por governantes e líderes religiosos como uma ameaça à ordem estabelecida.

A bebida subversiva

No mundo islâmico, o café enfrentou resistência por sua associação com ideias progressistas e sua presença em reuniões que muitas vezes criticavam as autoridades. Em 1511, o governador de Meca, Khair Beg, declarou o café proibido, argumentando que ele incentivava comportamento desordenado e desobediência. As casas de café foram fechadas, e a bebida tornou-se um símbolo de resistência silenciosa.

Essa desconfiança não era exclusividade do mundo árabe. Quando o café chegou à Europa no século XVII, sua recepção foi igualmente controversa. Em Veneza, a bebida era chamada de "licor amargo de Satanás". Alguns religiosos pediram sua proibição, alegando que era uma invenção do demônio para corromper os cristãos.



Foi necessário um gesto ousado para mudar sua reputação. O papa Clemente VIII, ao experimentar o café, declarou que era tão delicioso que seria um pecado permitir que apenas os infiéis o bebessem. Assim, o café foi "batizado" e aceito pela sociedade europeia, abrindo caminho para sua disseminação no continente.

As casas de café como centros revolucionários

Com o café conquistando o paladar europeu, as casas de café começaram a florescer em cidades como Londres, Paris e Viena. Esses espaços não eram apenas lugares para apreciar a bebida; tornaram-se centros de troca de ideias, fomentando debates que moldariam o futuro político e cultural da Europa.

Em Londres, as casas de café eram conhecidas como "universidades de um centavo", pois cobravam uma moeda pela entrada e ofereciam acesso a informações e discussões vibrantes. Políticos, escritores e comerciantes discutiam economia, ciência e filosofia. Muitos jornais e instituições financeiras tiveram suas raízes nesses encontros.

Mas o impacto das casas de café também assustava os governantes. Na França pré-revolucionária, Luís XIV temia que essas reuniões fomentassem conspirações contra a monarquia. Em 1675, o rei Carlos II da Inglaterra tentou proibir as casas de café, alegando que eram lugares de sedição. A medida foi tão impopular que ele logo a revogou.

Café e revoluções

O café não apenas influenciou ideias; ele também esteve no coração de revoluções. Na América do século XVIII, a rejeição ao chá britânico levou muitos colonos a adotar o café como bebida símbolo da resistência ao

colonialismo. Após o Boston Tea Party, em 1773, o café tornou-se a bebida preferida dos patriotas americanos.

Na França, as casas de café foram palco de discussões que levariam à Revolução Francesa. Foi em um café de Paris que Camille Desmoulins, jornalista e revolucionário, convocou os cidadãos a pegar em armas contra a monarquia, um ato que marcou o início da queda da Bastilha.



A dominação global

Ao longo dos séculos, o café deixou de ser uma bebida marginalizada e tornou-se um fenômeno global. Plantações surgiram em regiões tropicais, do Brasil ao Vietnã, muitas vezes à custa de exploração e injustiças. Trabalhadores escravizados foram usados para atender à crescente demanda europeia, um lembrete sombrio do custo humano da popularidade do café.

Hoje, o café é um dos produtos mais comercializados do mundo, sustentando economias e conectando culturas. Seu papel como motor de criatividade, conversa e inovação permanece inalterado.

Os novos desafios do café

Apesar de seu status consolidado, o café enfrenta novos desafios no século XXI. As mudanças climáticas ameaçam as regiões

produtoras, enquanto questões sobre sustentabilidade e justiça social pressionam a indústria a adotar práticas mais éticas.

Além disso, a cultura do café continua a evoluir, com a ascensão de cafeterias de terceira onda que celebram a qualidade, a origem e o método de preparo. Hoje, tomar um café pode ser uma experiência tão complexa quanto degustar um vinho fino, com sabores e histórias que conectam o consumidor ao produtor.

Uma bebida para a eternidade

De proibição à aceitação global, o café sempre foi mais do que uma simples bebida. Ele é um símbolo de transformação, um catalisador de ideias e um testemunho do poder da conexão humana.

Enquanto tomamos um gole de café, seja em uma manhã apressada ou em uma tarde tranquila, estamos participando de uma tradição que atravessa continentes e séculos, unindo povos e histórias em um ritual universal.

A jornada do café, desde as montanhas da Etiópia até as cafeterias modernas, é um lembrete de que, às vezes, as ideias mais simples têm o poder de transformar o mundo — uma xícara por vez.



FILOSOFIA

Bioética: O Futuro da Medicina e a Dignidade Humana



Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Professor, graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP. Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.

@clayton.zocarato

Corpo, Doença e Sabedoria.

O que é a doença? A invasão de microrganismos, que podem vir a causar as piores dores e agonias, “para um corpo”, que seja substanciado como sendo criação divina?

Ou como diria Hipócrates, “é necessário à cura do corporal, para se ter uma boa alma”?

Estamos em uma época que precisamos nos curar, das feridas mais profundas, e que a vida em sociedade nos desafia a cada instante, para conservarmos a sobriedade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/03/2025"



poderiam trazer alguns alentos para as moléstias, que perturbam tanto o homem”, mas também não deixa elençar a vida vegetal, como também animal, em uma luta incessante de bem-estar do eixo “cartesiano corpo e mente”, estando com um “leve, como pesado” fardo da exploração da vida por outras formas de vida.

A Doença de lutar por fugir, da argúcia da miséria, pode vir a enraizar quinquilharias filosóficas, que entre no sentido “darwinista”, em que o mais “forte deve sobreviver”, estão aqueles e aquelas, que usam a máscara de uma fortaleza socioafetiva, mas que sofrem em silêncio com seus mais variados dilemas e problemas”?



Paracelso colocou que “o uso de ervas e raízes,

Dentro de uma atomização das emoções, esta alojada, orgulhos e egoísmos, em não se realizar uma abjuração diante as nossas fraquezas mais elementares, do “noûs”, de práxis em lutar bravamente contra a contaminação do senso-comum, e também por uma obrigação de não se deixar levar por suplicios de uma “doença mental”, que venha limitar nossa intelectualidade, em sinistros pleitos de tecnicismos enfadonhos de conhecimento intelectual e moral, não realizando um sínodo corporal e mental, da tanatologia de respeito e afeto pelo “outro”.

Sim! A ignorância é umas doenças mentais, que gera ânsias, de um pragmatismo da pobreza intelectual venha a ser uma suntuosa disseminação que tudo tem de ter o bel prazer do imediato.

Não basta construir o agora, na ágora, de que corpo e mente necessite ortodoxamente estarem sempre em uma mesma harmonia de situações psicológicas e sociais em uma mesma sintonia de situação existencial.

No teor da ação corporal e mental, se encontra cunhos para uma sabedoria, que produza a anáfase sentimental, que em meio à “liquidez de sinceridade e ideários profícuos”, como exala Zygmunt Bauman, se encontra um marco da existência, que possa tanto encabeçar o corporal como mental, através da exploração de panaceias comportamentais que nossos semelhantes nos colocam, devendo exercitarmos uma prática de tolerância, elaborando uma arte e ciência, que caminhem tanto entre a humanização em gerar uma empatia, que seja verdadeira, enrincheiradas em fazer, com que disparidades culturais, possam dialogarem entre si, e assim dentro de matrizes biológicas, que vão tendo suas mutações assimetricamente maniqueístas ao longo da história, sendo possível em projetar um cânone de tolerância perante as diferenças intelectuais e sociais entre povos e civilizações, que sejam eloquentes a receberem a denominação de “homo sapiens”.

Entre a integridade corporal e espiritual, está o analgésico antropológico, de que é necessário se tirar corpo e mente de sua comodidade, para que assim se aproximem de um respeitoso enfoque, que entre as mazelas de maldades que são construídas, em meios a potestades de preconceitos e discriminações, a valorização da razão, detém o caminho de uma sublevação diante uma apresentação vulgar do corpo, e que os prazeres carais, possuem dizeres celestiais, que o homem se ajoelha sobre seu poder, e que diz querer o céu, mas adora “os quintos do infernos”, que um excelente “bacanal”, pode lhe proporcionar.



De fato, curamos mentes, e adoecemos o corpo, e destruímos a sabedoria, nos fazendo sapientes transmissores de pseudos informações acompanhado de falsas opiniões.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

A Ética na Era da Inteligência Artificial

"Futuro Urbano: A Revolução da IA e Seus Desafios Éticos"

POR
The Bard News, Redação

A revolução tecnológica imposta pela inteligência artificial (IA) está transformando profundamente a sociedade, desafiando alguns dos conceitos filosóficos mais fundamentais de moralidade e responsabilidade. À medida que as máquinas se tornam mais inteligentes e autônomas, somos forçados a reavaliar o que significa tomar decisões éticas e quem deve ser responsabilizado quando ocorrem falhas.

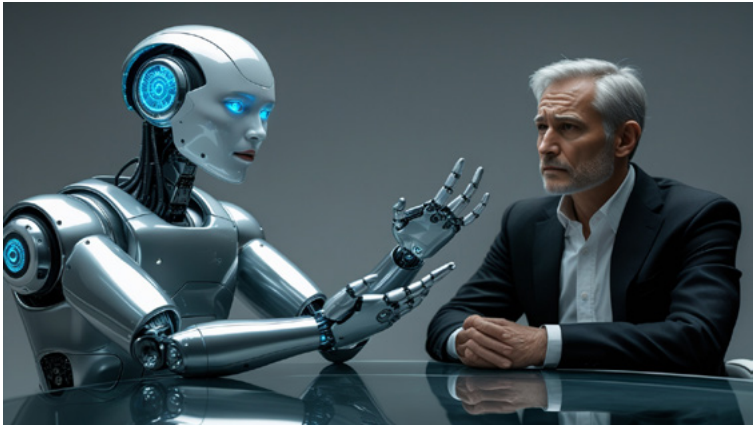


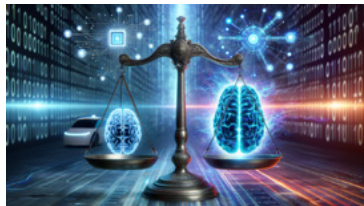
IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/03/2025"

Nas últimas décadas, a IA passou de uma promessa futurista para uma realidade cotidiana. Sistemas de IA já nos auxiliam a escolher filmes, conduzem veículos e até mesmo tomam decisões médicas. No entanto, à medida que esses sistemas assumem papéis mais críticos, a questão ética sobre sua programação e os impactos de suas decisões se torna premente. Recentemente, o uso de algoritmos no sistema judicial norte-americano gerou debates intensos sobre preconceitos algorítmicos, demonstrando que a IA pode tanto perpetuar quanto amplificar injustiças humanas.

Um aspecto central da ética em IA é a questão da responsabilidade. Se um carro autônomo causar um acidente, quem é o responsável? O fabricante do carro, o programador do software ou o próprio veículo? Este dilema leva a uma reflexão sobre a natureza da agência moral e a necessidade de novas estruturas legais que possam lidar com essas eventualidades.

Segundo a Comissão Europeia, até 2025, prevê-se que regulamentações mais rígidas sejam implementadas para abordar esses e outros desafios éticos relacionados à tecnologia.

Outra vertente desse debate é o impacto da IA nas decisões humanas. Estamos cada vez mais delegando nossa autonomia a máquinas e algoritmos que podem não compartilhar ou entender nossos valores e preferências humanas. Um estudo de 2020 da Universidade de Oxford destacou que 61% dos entrevistados já basearam decisões cotidianas nas sugestões de IA, levantando preocupações sobre a diminuição da autonomia e do pensamento crítico.



A ética também se estende às escolhas dos dados usados para treinar sistemas de IA. Dados enviesados podem levar a decisões injustas, perpetuando inequidades sociais. A importância de transparência e explicabilidade nos mecanismos de IA nunca foi tão crucial. O Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), por exemplo, está desenvolvendo padrões para garantir que as decisões da IA sejam compreensíveis e auditáveis.

Em meio a essas rápidas transformações, filósofos, cientistas e legisladores são desafiados

a colaborar para formular diretrizes éticas que possam guiar o desenvolvimento e a implementação da IA. É vital assegurar que essas tecnologias sirvam para melhorar a sociedade, respeitando a dignidade humana e promovendo a justiça.



A ética na era da inteligência artificial não é apenas um campo de estudo acadêmico, mas uma necessidade urgente diante das rápidas inovações tecnológicas e das profundas implicações sociais. Enfrentar esses desafios requer responsabilidade coletiva e um compromisso com a justiça e a equidade para garantir que a tecnologia continue sendo uma força para o bem.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

A Era da Distração: Como a Sociedade Está Perdendo o Foco

Investigando o impacto das tecnologias digitais na atenção humana e nas relações interpessoais

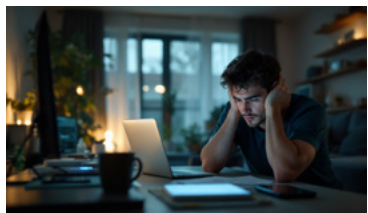
POR
The Bard News, Redação

A sociedade contemporânea enfrenta um desafio sem precedentes: a dispersão da atenção em meio à era digital. O avanço contínuo das tecnologias, amplamente acessíveis e onipresentes, alterou significativamente a forma como indivíduos se relacionam com o mundo. Neste cenário, a capacidade de concentração tornou-se um recurso escasso, impactando tanto a produtividade pessoal quanto a qualidade das relações interpessoais. Este artigo jornalístico explora, de maneira profunda e multifacetada, como o excesso de estímulos digitais vem moldando o comportamento humano e quais caminhos podem ser trilhados para resgatar o foco.

O Impacto das Tecnologias Digitais na Atenção Humana

O avanço acelerado das tecnologias digitais tem proporcionado acesso imediato a informações e entretenimento, mas também criou um ambiente saturado de estímulos. Pesquisas recentes do Instituto de Neurociência Aplicada revelam que 72% dos jovens possuem dificuldade em manter períodos prolongados de atenção sem recorrer a dispositivos eletrônicos. Essa realidade se traduz na fragmentação do tempo e na constante necessidade de novas fontes de estímulo, dificultando a capacidade de foco. Cada notificação, mensagem ou alerta sonoro compete pela atenção dos indivíduos, transformando o ato de se concentrar em um verdadeiro desafio no cotidiano.

A sensação de sobrecarga de informações gera uma profunda inquietação mental, evidenciada pela crescente taxa de distúrbios relacionados à atenção. “A exposição contínua a múltiplos estímulos digitais tem um impacto direto na neuroplasticidade, alterando a forma como o cérebro processa informações,” afirma o Dr. João Almeida, neurocientista da Universidade de São Paulo. Dados do Pew Research indicam que 64% dos usuários relatam dificuldades de manter o foco em atividades prolongadas devido à constante interrupção digital. Essa nova realidade palpita em meio a um cenário que demanda repensar as práticas de consumo e a cultura da informação.



Desconexão e Relações Interpessoais em Transformação

A erosão do foco individual tem profundo reflexo nas relações interpessoais. O excesso de informações e a constante imersão em mundos virtuais estão levando a uma diminuição na qualidade dos diálogos e na capacidade de empatia entre as pessoas. Em encontros sociais, observa-se uma tendência de desconexão: muitos participantes preferem interagir com seus smartphones a manter conversas significativas. Essa dinâmica tem provocado uma transformação nos comportamentos, onde a comunicação direta e o sentimento de presença física se tornam cada vez mais raros.

interfere na transmissão de valores culturais e na manutenção de tradições de convivência. Esse cenário exige uma reflexão profunda sobre o equilíbrio entre a adoção de novas tecnologias e a preservação do contato humano. Em termos práticos, a sociedade se vê diante de um dilema onde o avanço tecnológico e a necessidade de conexão emocional precisam caminhar lado a lado para evitar um colapso nas relações interpessoais.

Caminhos para Recuperar o Foco e Reconstruir Relações

Diante desse panorama, surge a necessidade de buscar estratégias para recuperar o foco e restabelecer relações interpessoais saudáveis. Um dos primeiros passos é a conscientização sobre

Além disso, iniciativas educacionais e programas de capacitação voltados para o uso saudável da tecnologia são essenciais para transformar hábitos. Famílias, escolas e empresas podem desempenhar um papel crucial ao promover momentos de desconexão digital e incentivar interações presenciais genuínas. Dados do Instituto de Pesquisa Digital apontam que a implementação de períodos de “detox” digital pode reduzir a sensação de estresse e ansiedade em até 40%. Essa mudança de comportamento pode aumentar não só a produtividade, mas também a qualidade das relações interpessoais, reforçando a importância de um equilíbrio saudável entre o digital e o real.

a restauração de relações autênticas representam um passo decisivo para o fortalecimento do tecido social.



Reflexões Finais e Desafios Futuros

Ao final desta investigação, torna-se evidente que a era da distração impõe desafios significativos à forma como vivenciamos o mundo. A constante exposição a dispositivos digitais tem fragmentado a atenção e afetado as relações interpessoais, exigindo uma revisão urgente de nossos hábitos. É imprescindível que o equilíbrio entre o uso da tecnologia e a preservação do contato humano seja buscado ativamente por indivíduos, instituições e governos. O futuro dependerá da capacidade de resgatar o foco e de construir um ambiente onde a conectividade promova, efetivamente, a colaboração e o bem-estar coletivo.



Essa reflexão serve como um convite para a mudança de postura diante da tecnologia. Ao adotarmos práticas mais conscientes e incentivarmos momentos de desconexão, podemos transformar a crise da atenção em uma oportunidade para o renascimento das relações sociais. Convido o leitor a ponderar sobre o uso que faz das tecnologias no dia a dia e a buscar, cada vez mais, um equilíbrio entre o digital e o real. Essa é a chave para transformar desafios em oportunidades e construir uma sociedade mais atenta e conectada, de maneira autêntica.



IMAGEM GERADA POR IA “usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 06/04/2025”

Especialistas em comportamento humano têm alertado para os riscos dessa tendência. De acordo com a Profª Laura Martins, psicóloga e pesquisadora do Instituto de Comportamento Humano, “o uso excessivo de redes sociais e a busca por gratificação instantânea podem levar a um estado de isolamento emocional, diminuindo a capacidade de conexão real com o outro.” Dados da Organização Mundial da Saúde mostram que a prevalência de sintomas relacionados à solidão e ansiedade aumentou em 30% nos últimos cinco anos. Essa mudança no perfil das interações evidencia que a tecnologia, embora facilite a comunicação, também impõe barreiras para relações profundas e significativas.

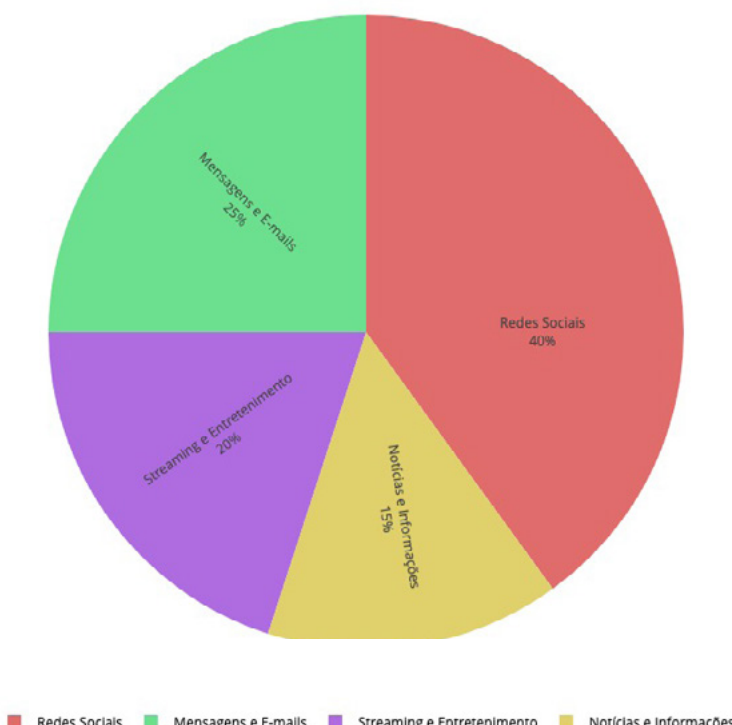
A transformação na forma de se comunicar extrapola o âmbito pessoal e afeta o tecido social. A fragmentação da atenção não só diminui a qualidade dos relacionamentos, mas também

os riscos da hiperconectividade e a adoção de práticas que promovam um uso mais consciente da tecnologia. Técnicas de mindfulness, pausas programadas e a criação de ambientes livres de distrações têm se mostrado eficazes na melhoria da atenção. “A prática regular de meditação pode reconfigurar a maneira como o cérebro reage ao excesso de estímulos, promovendo maior clareza e foco,” comenta o Dr. Ricardo Souza, neurologista do Hospital das Clínicas.

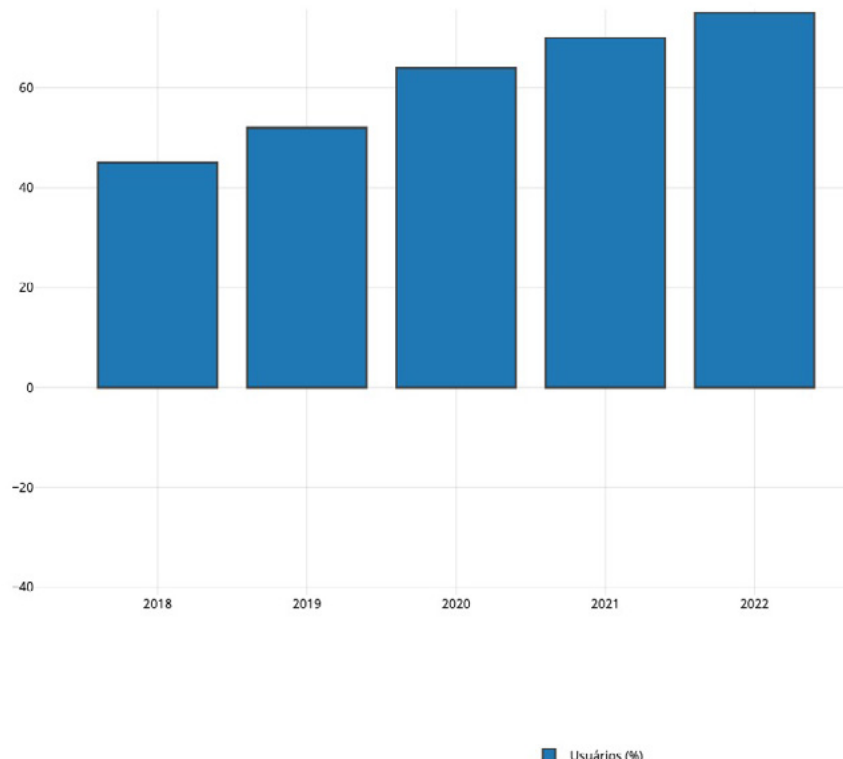


O resgate do foco é, assim, uma jornada de autoconhecimento e reequilíbrio. Ao redescobrir a capacidade de se concentrar e a importância do contato humano, a sociedade poderá enfrentar os desafios impostos pela era digital. Essa trajetória demanda esforços individuais e coletivos, mas é fundamental para a construção de um futuro onde a tecnologia seja aliada e não inimiga do bem-estar coletivo. Em última análise, a retomada do controle sobre o próprio tempo e

Distribuição de Tempo Gasto em Dispositivos Digitais



Porcentagem de Usuários com Dificuldade de Manter o Foco



CIÊNCIAS & TECNOLOGIA

A interseção da Arte e Tecnologia: experiências imersivas na era digital



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

“Quando a arte te abraça: A revolução das experiências imersivas”

Na contemporaneidade, com a evolução da tecnologia, as Artes possibilitam a transformação das formas de expressão e da interação humana. Desde os tempos mais remotos, o homem sempre demonstrou a necessidade de se expressar na arte, a exemplo das pinturas rupestres, da utilização do sangue animal e sementes para produzir tintas para suas pinturas. As tecnologias sempre fizeram parte da cultura humana, ao longo da sua história.

A arte e a tecnologia, na era moderna e com o avanço da inteligência artificial, têm promovido novas possibilidades criativas expandindo as fronteiras da expressão artística, numa possível interseção e consequentemente enriquecido o mundo das artes.

No campo artístico, a inteligência artificial permite uma convergência de ideias e criatividade humanas, desafiando e adaptando novas formas de criar e produzir arte, ampliando

novos horizontes. Além disso, a sinergia entre homem, máquina e obras de arte gera expressões e experiências que ressignificam os limites de atuação de cada campo.

Os ambientes imersivos, aliados ou não às tecnologias interativas, a exemplo das “exposições imersivas”, uma vertente da arte digital contemporânea, vêm conquistando, cada vez mais, espaços e públicos reunidos a artistas numa interseção entre arte, tecnologia e entretenimento. Artistas entendem cada vez mais de tecnologia e conjuntamente com profissionais de tecnologia criativos bebem nas fontes das artes para criarem seus produtos, trazendo ao público experiências sensoriais, luzes, sons, projeções de vídeos simultâneos e harmônicos, com o objetivo de envolver cada vez o visitante nestes espaços mais acessíveis e inclusivos de maneiras inovadoras e surpreendentes.

A tecnologia não democratizou, simplesmente, o acesso à criação artística, mas desafia a arte e pode levar os artistas a inovarem e públicos a apreciarem a beleza das criações tecnológicas a novos alcances criativos, conectados harmoniosamente na criação de obras artísticas que inspiram, provocam e encantam. É a revolução da arte digital!



A arte encontra a tecnologia: um novo jeito de sentir o mundo

Imagine entrar numa sala onde as paredes ganham vida, o chão responde aos seus passos e o som parece vir de dentro de você. Não se trata mais de apenas olhar para uma obra de arte — agora, você entra nela.

A fusão entre arte e tecnologia está transformando completamente a forma como criamos e vivenciamos o belo. É como se a imaginação humana tivesse, finalmente, encontrado ferramentas à altura para se expandir sem limites.

No centro dessa revolução estão as experiências imersivas. Projeções em 360°, realidade aumentada, sons que te cercam por todos os lados... Tudo isso te convida a deixar de ser espectador para virar parte da obra. Você não só observa: você sente, interage, cria junto.

E tem mais: a inteligência artificial virou parceira de muitos artistas. Com ela, surgem novas possibilidades — e também novos questionamentos. Quem assina uma obra feita a quatro mãos com uma máquina? O que ainda é “arte”? Essas perguntas nos tiram do automático e reacendem o debate sobre o que é, de fato, humano.

Outro ponto forte dessa transformação é a inclusão. Com tecnologia, mais pessoas podem acessar e viver a arte em profundidade, independentemente de suas limitações. A acessibilidade deixa de ser um extra e passa a ser parte essencial da experiência.

Estamos entrando numa nova era. Uma era em que a arte não se limita a quadros em paredes silenciosas, mas se espalha por espaços, telas e sentidos. Uma era onde criatividade e inovação andam de mãos dadas para nos lembrar que sentir — e se conectar — ainda é o que há de mais poderoso.



IMAGEM GERADA POR IA “usando FLUX PRO, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/04/2025”

A Quarta Revolução Industrial: O Impacto da Automação e da IA no Mercado de Trabalho

TECNOLOGIA - Leia no Site

POR
The Bard News, Redação

Como inovações tecnológicas estão redesenhando a dinâmica das profissões e transformando setores industriais



A Quarta Revolução Industrial chegou com força, remodelando o panorama do trabalho e alterando a rotina de milhões de pessoas. Hoje, tecnologias como automação e inteligência artificial (IA) não só otimizam processos como também desafiam as competências tradicionais dos profissionais. O cenário atual exige adaptação, treinamento e uma nova mentalidade para acompanhar essas mudanças profundas. Em meio a esse contexto, surgem debates sobre os riscos e as oportunidades gerados por essa revolução tecnológica.

Transformando Indústrias e Desafiando Profissões

A automação tem sido apontada como o principal motor de eficiência em diversas indústrias. Equipamentos robotizados e sistemas inteligentes substituem tarefas repetitivas, permitindo que as empresas se concentrem em inovação e melhoria contínua. Segundo José Souza, engenheiro de automação da TechNova, “a integração de sistemas de IA tem possibilitado ganhos de produtividade jamais imaginados”. Dados recentes do Instituto de Futuro do Trabalho apontam que 65% das linhas de produção já contam com algum nível de automatização. Essa transformação não se limita à indústria pesada, mas também atinge áreas como logística e atendimento ao cliente, onde algoritmos e robôs realizam atividades que antes dependiam exclusivamente do trabalho humano.

A digitalização dos processos tem gerado uma enorme quantidade de dados, transformando-os em insights estratégicos que ajudam a reestruturar operações e a otimizar a manutenção de equipamentos. Conforme aponta a renomada pesquisadora Ana Martins, especialista em tecnologia da informação na USP, “a análise de big data integrada à automação redefine padrões e cria novas oportunidades para a economia”. Assim, a convergência entre robótica, IA e internet das coisas (IoT) estabelece uma rede interligada que não só acelera a produção, mas também melhora a segurança e a qualidade dos produtos.



Impactos no Mercado de Trabalho: Ameaças e Adaptações

As mudanças tecnológicas trazem desafios significativos para o mercado de trabalho. Profissões que dependem de tarefas repetitivas, como operadores de linhas de montagem e atendimento ao cliente, estão entre as mais vulneráveis à substituição por sistemas automatizados. Um levantamento recente realizado pelo Observatório de Empregos Digitais apontou que cerca de 40% dos cargos em setores industriais correm risco de redução ou transformação drástica nos próximos cinco anos. Essa realidade gera inquietação entre os trabalhadores, mas também abre portas para a capacitação e a requalificação profissional.

Em contrapartida, novas oportunidades emergem para aqueles que investem em conhecimento tecnológico. Especialistas em ciência de dados, desenvolvimento de software e manutenção de sistemas inteligentes são cada vez mais requisitados. Conforme reforçou Fernanda Lima, diretora de inovação da InovaTech, “a chave para o futuro é a adaptação contínua e o aprendizado, pois a automação exige habilidades

que vão além do manual”. Nesse cenário, a educação é o principal pilar para preparar profissionais para as demandas emergentes, indicando que, embora alguns postos de trabalho sejam eliminados, outros igualmente inovadores surgirão e transformarão a economia de maneira sustentável.

O Futuro e as Estratégias para Abraçar a Transformação

A integração entre automação e IA exige um olhar atento sobre o futuro do trabalho. Empresas e governos precisam desenvolver estratégias que contemplem a requalificação profissional, a inclusão digital e a inovação constante. Investimentos em infraestrutura tecnológica, programas de educação continuada e políticas públicas inclusivas são cruciais para mitigar os impactos negativos e potencializar os benefícios dessa transformação. Estudos do Fórum Econômico Mundial sugerem que, se bem direcionadas, as iniciativas de requalificação podem reduzir em até 50% os efeitos disruptivos da automação.

Nesse contexto, o debate sobre a “desigualdade digital” torna-se central. É imperativo assegurar que todos os trabalhadores, independentemente da área de atuação, tenham acesso a tecnologias e capacitação adequada. Assim, o equilíbrio entre inovação e inclusão social será o pilar para um modelo de crescimento sustentável e equitativo. O diálogo entre instituições, empresas e sociedade é imprescindível para configurar um futuro onde a tecnologia potencialize as capacidades humanas em vez de substituí-las.

A Quarta Revolução Industrial impõe desafios imensos, mas também abre caminho para um futuro repleto de oportunidades. A automação e a inteligência artificial, ao transformar as indústrias, estimulam a busca por uma qualificação profissional diferenciada, capaz de agregar valor nas novas dinâmicas do mercado. Essa transformação exige um compromisso conjunto entre governos, empresas e indivíduos na construção de um cenário de trabalho mais inclusivo, inovador e resiliente. O futuro do trabalho passa, inevitavelmente, pela integração harmônica entre tecnologia e talento humano, promovendo um progresso que beneficia a todos.

Contudo, cabe a cada profissional reconhecer as mudanças e investir no desenvolvimento contínuo de suas habilidades. O desafio é grande, mas a recompensa de se preparar para um mercado em constante evolução é ainda maior. Que a Quarta Revolução Industrial seja, acima de tudo, um marco na história da humanidade, onde a inovação e a colaboração definam novos padrões de sucesso e bem-estar coletivo.



OPINIÃO

A Escravidão Literária:

Quando a Arte é **Vendida** pelo Preço do Pertencimento

“O Preço da Validação Literária: Reflexão sobre o Crescimento de Academias e Antologias no Brasil”

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

“Literatura e Mercado: Quando o Preço do Pertencimento Supera o Valor da Criação Artística”

No Brasil, um fenômeno inquietante emerge no cenário literário: a transformação do desejo de reconhecimento em mercadoria lucrativa. Em um mercado onde medalhas, títulos e antologias proliferam, escritores e poetas são frequentemente levados a pagar altos valores em troca de validação. Por trás da promessa de pertencimento, esconde-se, em alguns casos, uma prática predatória que explora necessidades humanas profundas e fragiliza a verdadeira essência da literatura.



A Fama que Tem um Preço

As academias literárias, outrora reservadas a grandes expoentes das letras nacionais, agora surgem com uma frequência impressionante. Muitas dessas instituições cobram taxas para que escritores possam integrar seus quadros, oferecendo honrarias como "Comendador" ou

"Doutor Honoris Causa". Embora seja legítimo que precisem de recursos para se manter, é essencial distinguir entre o custo justo de manutenção e práticas de exploração emocional. Manter uma academia literária, organizar eventos ou publicar antologias exige esforço, tempo e recursos financeiros. Taxas e contribuições são, portanto, necessárias para garantir a continuidade dessas iniciativas. No entanto, a linha tênue entre a manutenção ética e a exploração injusta é frequentemente cruzada, prejudicando tanto os escritores quanto a credibilidade das instituições.

A Realidade de Viver de Literatura

Viver de arte e literatura no Brasil é um desafio quase insuperável. A falta de incentivos, políticas públicas efetivas e recursos financeiros faz com que muitos talentos emergentes abandonem seus sonhos. O cenário literário, embora rico em criatividade, carece de estrutura que permita aos artistas sustentarem suas carreiras.

Nesse contexto, é compreensível que escritores busquem pertencer a grupos e participar de projetos que prometam visibilidade. No entanto, quando essas iniciativas são manipuladas de forma oportunista, acabam desmotivando aqueles que, já fragilizados pela falta de apoio, se veem sem alternativas.

Antologias e Academias: Entre o Valioso e o Questionável

As antologias literárias, por exemplo, são importantes ferramentas para divulgar novos talentos e promover a literatura. Existem antologistas e organizadores sérios, respeitados por seu trabalho criterioso e dedicação à arte. Essas iniciativas, quando bem estruturadas, oferecem aos escritores oportunidades reais de exposição e reconhecimento.

Da mesma forma, há academias literárias que desempenham um papel significativo na preservação da cultura e na valorização dos escritores. Esses espaços não apenas fomentam a criação artística, mas também fortalecem laços entre seus membros e o público.

No entanto, é preciso cautela. Quando antologias e academias priorizam o lucro acima da qualidade e da ética, reduzem a literatura a um comércio genérico, minando o verdadeiro propósito dessas iniciativas.



IMAGEM GERADA POR IA “usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 06/04/2025”

A Favor da Manutenção, Contra a Exploração

É essencial diferenciar manutenção de exploração. A manutenção de academias, antologias e outros projetos culturais é legítima e necessária. Nada no mundo é gratuito, e o trabalho artístico também exige recursos para se sustentar. Taxas justas são um meio de garantir que essas instituições continuem existindo e promovendo a arte.

O que se critica aqui é a exploração – quando escritores são levados a acreditar que seu valor depende exclusivamente de títulos, medalhas ou publicações adquiridas a qualquer custo. Essa lógica não apenas distorce a essência da criação literária, mas também exclui talentos que não podem arcar com essas despesas.

O Equilíbrio Necessário

A literatura é um espaço de liberdade, expressão e conexão humana. Para que continue cumprindo esse papel, é necessário

equilíbrio. Escritores precisam valorizar sua arte e buscar por iniciativas que realmente contribuam para seu crescimento, sem ceder à pressão do consumo desenfreado.

Organizadores, por sua vez, devem adotar práticas transparentes e éticas, garantindo que as contribuições financeiras sejam revertidas em qualidade e reconhecimento autêntico. E a sociedade, enquanto público e apoiadora, precisa valorizar e reconhecer o papel transformador da literatura.

Literatura: Um Patrimônio que Precisa de Cuidados

Este artigo não é apenas uma crítica, mas um convite à reflexão. Que escritores, organizadores e leitores trabalhem juntos para construir um cenário literário mais justo e inclusivo. Que as antologias e academias sejam valorizadas não por seu preço, mas pela contribuição que oferecem à cultura e à arte.

A manutenção é fundamental, mas a

exploração não pode ser tolerada. A literatura, afinal, não é apenas um produto; é o reflexo da alma de uma sociedade, um patrimônio que precisa ser cultivado com respeito, ética e paixão.



Arte e Inteligência Artificial: Revolução Criativa ou Ameaça à Originalidade?

Inteligência artificial está redesenhando a fronteira da criatividade. Ferramentas como DALL-E, ChatGPT e MidJourney são hoje capazes de produzir imagens, textos, músicas que imitam estilos clássicos ou testem as novidades, alargando o espectro criativo de forma inusitada. Ao mesmo tempo, essa nova tecnologia provocou debates acalorados a respeito do valor da originalidade, do papel do ser humano na produção artística e dos presságios éticos envolvidos.

Para muitos, a IA é o meio pelo qual se democratiza o acesso às artes, de modo que qualquer pessoa, sem qualquer especialização técnica, pode experimentar a produção artística. Com um comando simples, é possível criar uma imagem no estilo de Van Gogh, um poema com o estilo de Shakespeare, até uma orquestra de som. Esse acesso é um divisor de águas positivo, quebrando fronteiras que antes limitavam o universo criativo aos iniciados. Já a IA também vem sendo empregada para desvendar problemas de restauro de trabalhos degradados ou contribuir para projetos de coworking, no qual o homem e a máquina convertem ideias em consequências imprevistas.

Por outro lado, a facilidade de produção causada pela IA também gera inquietude. Toda

a arte está na sua intenção e no seu caráter subjetivo, que os sistemas artificiais ainda carecem de possuir. As produções para as quais se usam algoritmos são, na essência, resultantes programados a partir de manipulação de dados já presentes, extraídos de bases de informações compostas por material humano. Isso faz nascer a questão: um produto criado por IA é realmente original, ou simplesmente a adequada, mas despropositada, mistura de produções anteriores?

Esta questão se agrava quando se leva a considerar a influência desta tecnologia no mercado artístico. Vários trabalhos produto de sistemas de inteligência artificial vendem-se nos maiores leilões de todo o mundo, enquanto trabalhadores humanos têm dificuldades crescentes para afirmar validade do processo criativo humano num mercado sobrecarregado de oferta automatizada barata. Para artistas humanos, há pressão crescente para fazer frente a algoritmos que podem produzir rapidamente a uma perfeita estética.

O outro debate inevitável se refere à ética de produção por IA. Diversos programadores alimentam OSs de algoritmos com enormes bases de dados que, às vezes, consistem de trabalhos de outros artistas, sem permissão específica. Este emprego de conteúdo existente

sem crédito ou remuneração aciona dilemas de direitos autorais, além de menosprezar a produção dos artistas iniciais. Nesse cenário, os limites de homenagem e apropriação tornam-se nebulosos.

E, no entanto, a tecnologia também pode ser direcionada para viver lado a lado com a produção humana de maneira justa. Regulamentações que defendem a propriedade intelectual e que requerem a transparência dos métodos de produção por IA podem fornecer uma orientação mais ética. Além disso, o enaltecimento da singularidade humana nas produções criativas, aquelas que capturam emoções, experiências e concepções de mundo, pode resgatar a prestigiabilidade artística no contexto cada vez mais lotado por produções sintéticas.

A arte é, acima de tudo, uma manifestação do espírito humano, e as máquinas, em toda a sua sofisticação, ainda não são capazes de duplicar a riqueza de uma experiência vivida ou expressar aquilo que nos torna essencialmente humanos. Por mais avançada que seja a inteligência artificial, ela precisa ser vista como uma ferramenta—não como um substituto. O maior desafio será equilibrar o desenvolvimento dessa tecnologia e a preservação da essência dos aspectos criativos e éticos da verdadeira arte.



CRÍTICA

Soluções para Resgatar a Literatura como Espaço de Diálogo

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

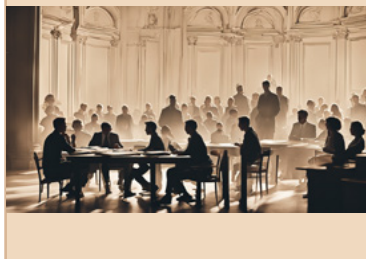
A polarização ideológica na literatura contemporânea é um desafio real, mas não é insuperável. Para mudar esse cenário, o primeiro passo é simples e essencial: abraçar a diversidade de perspectivas. A literatura precisa voltar a ser um espaço de questionamento, onde ideias podem ser exploradas sem medo de julgamentos precipitados.

Os escritores, por sua vez, têm o poder de liderar essa transformação. Ao invés de seguir fórmulas que reafirmam ideologias específicas, eles podem criar histórias que mergulhem nas nuances da experiência humana. O segredo está em abraçar a complexidade, revelando contradições e provocando reflexões. Quando uma narrativa desafia o leitor, ela se torna inesquecível.

Já os críticos e mediadores literários devem focar no que realmente importa: a qualidade da obra. Avaliar livros por sua profundidade artística, e não por alinhamentos políticos, é uma maneira de devolver à literatura seu papel de arte e não de instrumento de polarização.

E os leitores? Aqui está a chave: sair da zona de conforto. Descobrir autores novos, gêneros inesperados e perspectivas diferentes pode ser transformador. A leitura é uma oportunidade única de entender o mundo pelos olhos de outra pessoa.

Por fim, iniciativas como clubes de leitura inclusivos, oficinas criativas e eventos literários que incentivam o diálogo são fundamentais. A literatura, no fundo, é um elo — e pode voltar a ser o que une as pessoas, desde que a permitamos cumprir esse papel.



Quando as páginas se tornam palco de debates políticos

A literatura sempre teve um jeito especial de capturar o espírito do seu tempo. É como um espelho, refletindo as ansiedades, as conquistas e os conflitos que moldam a sociedade. Mas, ultimamente, algo novo tem acontecido. Os livros deixaram de ser apenas histórias ou reflexões profundas e começaram a virar bandeiras, instrumentos de uma batalha ideológica que divide leitores e críticos em lados opostos.

E isso nos faz pensar: a literatura ainda é um espaço de diálogo e imaginação, ou virou uma trincheira, onde tudo precisa se alinhar a um lado ou outro?

Literatura e Política: Um Casamento Antigo

Vamos combinar: política e literatura nunca foram estranhos. Desde sempre, escritores usaram suas palavras para desafiar o status quo, denunciar injustiças ou abrir nossos olhos para questões que preferimos ignorar. Quem lê 1984 e não sente o peso da crítica a regimes opressores? Ou Os Miseráveis, que escancara a desigualdade social com tanta força que dói?

Esses livros não apenas nos marcaram; eles mudaram conversas, inspiraram movimentos. Mas há uma diferença entre usar a literatura para explorar ideias e transformá-la num rótulo. E é isso que parece estar acontecendo agora.

Hoje, não importa se é um romance, uma poesia ou até um ensaio. Basta tocar em temas como gênero, racismo ou globalização, e pronto: vem o carimbo. "Progressista", "conservador", "lacrção", "retrogrado" — as etiquetas caem sobre as obras sem dó nem piedade.

O problema? Essa obsessão por encaixar tudo em um espectro político esmaga a complexidade. Reduz histórias ricas, cheias de camadas, a uma briga binária: "eles contra nós".

E quem perde com isso? Todos nós. Porque deixamos de explorar nuances, de enxergar pontos de vista diferentes e, principalmente, de sermos desafiados pelas ideias.



A Crítica em Bolhas e os Leitores em Guetos

Se antes o debate literário era um convite à troca, agora virou uma arena. Críticos e leitores, influenciados pelas redes sociais, escolhem lados e defendem suas escolhas com unhas e dentes. É como se ler tivesse se tornado mais sobre reafirmar crenças do que descobrir algo novo.

As redes sociais, claro, amplificam isso.

Elas criam bolhas, onde só ouvimos o que já concordamos. Discussões ricas viram brigas rasas. E hashtags, que poderiam conectar pessoas, muitas vezes só aprofundam as divisões.

Resgatando o Poder Transformador da Literatura

Apesar de tudo, nem tudo está perdido. Há escritores que entendem o momento e se recusam a cair nessa armadilha. Eles escrevem histórias que mostram vários lados, que desafiam o leitor a pensar e a sentir coisas contraditórias. Porque a boa literatura faz isso: nos tira da zona de conforto.

E há também iniciativas incríveis, como clubes de leitura que promovem conversas abertas e programas culturais que avaliam os livros pela qualidade, não pela ideologia. Esses espaços resgatam algo essencial: a literatura como

ponto de encontro, não de separação.

A literatura tem uma magia única. Ela nos leva a mundos que nunca imaginamos, mas também nos faz encarar o nosso mundo com outros olhos. É por isso que ela não pode ser reduzida a um "sim" ou "não", "certo" ou "errado".

Cabe a nós — leitores, escritores e críticos — resgatar esse poder. Recusar rótulos fáceis. Buscar o diálogo, mesmo nas diferenças. E lembrar que, no fim das contas, cada livro é uma tentativa de entender o que significa ser humano.

Então, da próxima vez que você abrir um livro, faça um favor a si mesmo: leia com a mente aberta. Porque a literatura não é sobre ganhar debates. É sobre contar histórias. E cada história merece ser ouvida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando LEONARDO IA, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/04/2025"

Entre Likes e Realidades: “A Falsa Autenticidade Digital e o Impacto na Vida Real”

Quando a busca por validação digital gera comportamentos artificiais e afasta conexões genuínas

Por J.B Wolf

CRÍTICA - Leia no Site



Vivemos em tempos onde "autenticidade" se tornou uma palavra de ordem nas redes sociais. Influenciadores e usuários comuns exaltam a importância de ser verdadeiro online, mas um paradoxo salta aos olhos: na tentativa de parecerem autênticos, muitos acabam fabricando cuidadosamente uma versão de si mesmos. O resultado? Perfis que mostram uma espontaneidade ensaiada e uma vulnerabilidade calculada, afastando-os da verdadeira conexão humana.

Essa contradição nos leva a uma pergunta crucial: é possível ser genuíno em um

ambiente que recompensa o visualmente perfeito, o emocionalmente impactante e o estrategicamente planejado? Para responder, precisamos compreender o que impulsiona essa "falsa performance de autenticidade" e os impactos que ela gera.

Quando surgiram, as redes sociais prometiam conectar pessoas, aproximando vidas e experiências reais. Essa promessa, no entanto, encontrou um obstáculo: a validação digital. Likes, comentários e seguidores rapidamente se tornaram termômetros de aceitação social. Para alcançar essa aprovação, muitos passaram

a moldar seus conteúdos mais para agradar os outros do que para expressar quem realmente são.

Essa dinâmica é evidente em feeds impecavelmente organizados, fotos "casuais" que levam horas para serem capturadas, e até mesmo relatos de vulnerabilidade que, ainda que sinceros, seguem padrões que os tornam mais "consumíveis". Esse esforço para agradar uma audiência invisível transforma o que deveria ser um espaço de expressão livre em um palco de performances cuidadosamente roteirizadas.

A busca por validação instantânea e constante nas redes sociais não ocorre sem custos emocionais. Quem cria o conteúdo sente o peso de sustentar uma imagem idealizada, enquanto quem consome enfrenta a constante comparação com vidas aparentemente perfeitas.

A Crise de Identidade: Muitas pessoas encontram dificuldade em separar quem realmente são da persona que projetam online. Esse desalinhamento gera ansiedade e até mesmo crises existenciais, enquanto tentam equilibrar expectativas externas com suas próprias verdades.

Comparação Social: Ao consumir conteúdos "autênticos" fabricados, os usuários se sentem pressionados a atingir padrões inalcançáveis, alimentando sentimentos de inadequação. Vidas

editadas e cuidadosamente exibidas promovem uma ilusão de perfeição que aliena os indivíduos da realidade do "ser suficiente".

Essa desconexão, além de impactar a saúde mental, prejudica a capacidade de formar conexões genuínas. Momentos autênticos tornam-se escassos em um ambiente onde tudo é filtrado e moldado para impressionar.

Alguns fatores explicam por que tantas pessoas participam dessa dinâmica:

- Validação Instantânea: O sistema de recompensas das redes (likes, visualizações) incentiva comportamentos que maximizam engajamento.
- Pressão Social: Influenciadores e pares definem padrões de comportamento e estética que os usuários sentem necessidade de seguir.
- Construção de Identidade: Para muitos, as redes sociais são um palco para experimentar e ajustar a forma como são percebidos.
- Economia da Atenção: As plataformas digitais premiam o que atrai mais cliques, redefinindo o que é valorizado culturalmente.

Caminhos para Uma Vida Digital Mais Genuína

Embora pareça desafiador, é possível resgatar uma relação saudável com as redes sociais. Aqui estão algumas estratégias:

1. Pratique a Consciência Digital: Pergunte-se antes de postar: "Estou compartilhando isso por mim ou para atender às expectativas dos outros?" Reconhecer as motivações por trás das ações é o primeiro passo para um uso mais autêntico.

2. Rompa com a Perfeição Curada: Permita-se compartilhar momentos que não sejam calculados ou ensaiados. Um feed mais real aproxima você de conexões verdadeiras.

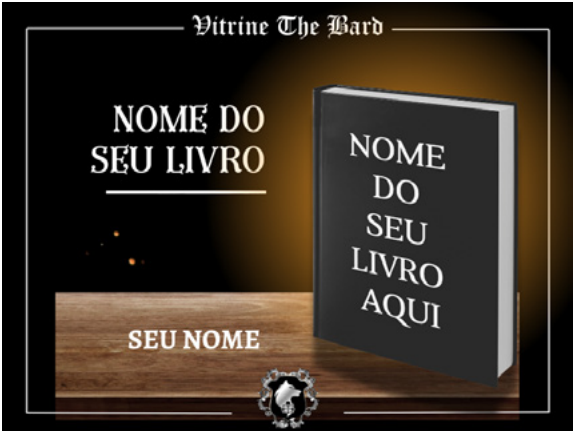
3. Limite a Comparação Social: Reduza o consumo passivo de redes, lembrando-se de que o que é compartilhado online é apenas uma fração da realidade.

4. Fortaleça Relações Offline: Invista em momentos longe das telas, onde a autenticidade surge naturalmente e sem filtros.

As redes sociais têm um impacto profundo no comportamento humano, mas ainda podem ser espaços de conexão genuína. Resgatar a autenticidade começa com o abandono da necessidade de "parecer verdadeiro" e a valorização do "ser verdadeiro" — com todas as imperfeições e vulnerabilidades que nos tornam humanos.

Ao refletir sobre o que postamos e por que postamos, damos um passo importante para criar uma internet menos tóxica e mais alinhada à nossa essência. Afinal, a verdadeira autenticidade não precisa de filtros, apenas da coragem de ser quem somos.

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



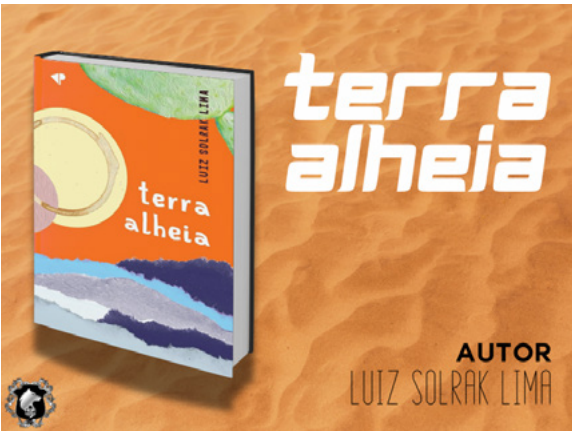
Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



ANÚNCIO 2 - 1000X212



ANÚNCIO 3 - 400X300



ANÚNCIO 4 - 1080X1920



ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE
ANUNCIE	ANUNCIE	ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe!

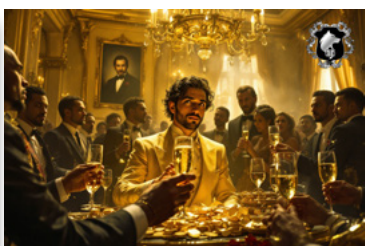
Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



Crítica Literária: Entre a Análise e a Subjetividade



Vozes silenciadas emergem



Rubião e Domingos: O preço da fortuna



A Evolução dos Gêneros Literários



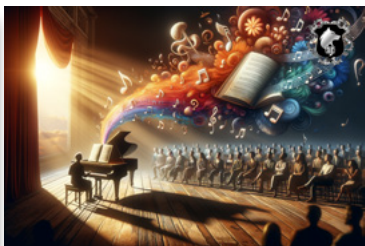
Romance Secular na Era Digital: A Persistência do Amor nas Letras



Paul Auster: O Arquiteto de Labirintos Literários



Brasil e o Mundo: o que os hábitos de leitura revelam sobre a nossa relação com os livros



A Interseção entre Poesia e Música: Expressões Líricas Contemporâneas



A importância do educador-leitor na formação de leitores



A disciplina e a autoridade em sala de aula



O legado histórico das desigualdades de gênero



O Código das Catedrais: Os Segredos Simbólicos da Arquitetura Gótica



Cartas, Poções e Venenos: A História Secreta das Mulheres na Corte Europeia



A Invenção que deu voz ao Mundo: Como a Prensa de Gutenberg Transformou a História



Heroínas Ocultas: As Mulheres que Moldaram a História



Bioética: O Futuro da Medicina e a Dignidade Humana



A Era da Distração: Como a Sociedade Está Perdendo o Foco



A interseção da Arte e Tecnologia: experiências imersivas na era digital



A Escravidão Literária: Quando a Arte é Vendida pelo Preço do Pertencimento



A Polarização Ideológica na Literatura Contemporânea



Sua marca aqui



Anuncie aqui

AGRADECIMENTOS



No dia 11 de maio de 2025, celebramos um sonho coletivo: o lançamento do **Jornal The Bard News®** no Brasil e no mundo.

Em um mundo em constante transformação, acreditamos na potência da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento para construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões necessárias. The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, dedicado a todos que creem que o diálogo, a diversidade e a cultura são ferramentas insubstituíveis de transformação.

Hoje queremos agradecer — de coração aberto — a cada pessoa que tornou este projeto possível. À nossa equipe incansável, que dedicou talento, noites e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que emprestaram ao jornal as suas vozes e olhares únicos; àqueles que divulgaram, apoiaram, sugeriram, acreditaram. Agradecemos profundamente aos leitores, porque é para vocês que existimos — e com vocês queremos construir cada página.

Reunindo temas como Arte, Literatura, História, Educação, Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Cultura e Opinião, desejamos oferecer mais que informação: queremos proporcionar experiências, descobertas e inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para questionar e propor.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso é com o acesso democrático ao conteúdo relevante — nacional e internacional — guiados sempre pela ética, pelo respeito e pela inovação.

A todos que caminharam e continuam caminhando conosco, nosso sincero muito obrigado. O The Bard News é, acima de tudo, obra coletiva — e, por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita desta história que está só começando.

A Redação - The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

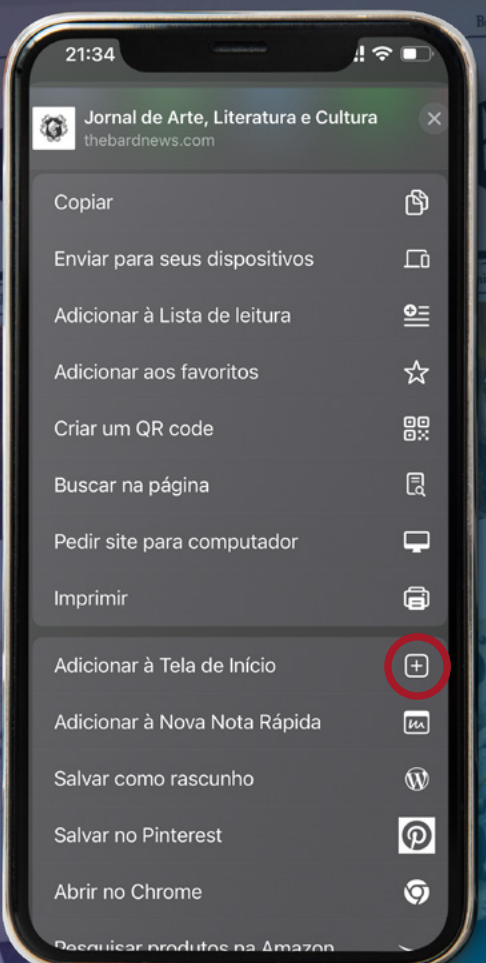


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

